

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

**CYBERBULLYING NUMA ESCOLA DE BRAGANÇA:  
UMA REALIDADE CAMUFLADA?**

**Márcia Filipa Lima Castro**

**outubro, 2015**

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Jorge Negreiros*  
(FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, aos meus pais e aos meus irmãos, pelo apoio incondicional em todas as circunstâncias, pelos conselhos sábios facultados, pelos momentos únicos e inesquecíveis que, todos os dias, vivenciamos. São os meus pilares basilares, não existem palavras suficientes que traduzam o quanto adoro cada um de vocês. Com vocês por perto, sou uma pessoa imensamente mais feliz, mais confiante e mais segura!

Em segundo lugar, aos meus queridos amigos, especialmente à Mónica, à Rute, à Mara, à Filipa, à Carina, à Ana Isabel, à Catarina e à Cecília. As nossas conversas, os nossos jogos, os nossos lanches, as nossas danças, as nossas festas de aniversário, os nossos passeios, as nossas idas ao cinema, as nossas sessões de estudo, são momentos únicos e inesquecíveis, os quais espero que se continuem a realizar para sempre!

Em terceiro lugar, quero efetuar um agradecimento especial à D. Manuela, ao Sr. Vítor, à D. Esperança e à D. Mariana, figuras icónicas da Residência de Paranhos, os quais, ao longo destes cinco anos, sempre se mostraram disponíveis para me ajudar naquilo que precisasse.

Em quarto lugar, ao meu orientador Jorge Negreiros, pela orientação facultada ao longo desta longa jornada e pelo contributo fundamental que exerceu no meu percurso académico e profissional.

Por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a concretização e realização desta dissertação. Muito obrigada por tudo!

## Resumo

Nos últimos anos, o *cyberbullying* tem atingido um número cada vez mais significativo de adolescentes nas escolas portuguesas, em particular os alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos (Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009; Robson & Witenberg, 2013). De acordo com uma pluralidade de estudos (Estévez et al., 2010; Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2012), os níveis de perpetração e vitimização de *cyberbullying* alcançam o seu pico no 3º ciclo do ensino básico, mais especificamente entre o 7º e o 9º ano, daí que o nosso estudo se foque em particular neste universo de alunos. Nesse sentido, optou-se pela realização do nosso estudo no seio de uma comunidade escolar portuguesa da qual se desconhecem dados a prevalência e incidência do fenómeno, mais concretamente numa comunidade escolar de Bragança.

Através de uma metodologia quantitativa, foram definidos os objetivos e hipóteses de investigação. Tendo em consideração a literatura existente sobre a problemática, procedeu-se perceber o impacto de variáveis como a autoestima, a impulsividade, a sintomatologia psicopatológica e de outros comportamentos antissociais sobre a vitimização e perpetração de *cyberbullying*. A amostra do estudo foi selecionada por meio do recurso a um método estatístico de amostragem aleatória simples, sendo constituída por 152 alunos do 3º ciclo do ensino básico, sendo que 79 são do sexo masculino e 73 são do sexo feminino, com uma média de idade de 14,37 (DP=7,02). Nesse sentido, procedeu-se à administração de um questionário nesse meio escolar, o qual abrangeu um questionário sociodemográfico e uma bateria de instrumentos composta pela *Escala de Comportamentos Antissociais*, pelo *Questionário de Cyberbullying*, pela *Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)*, pela *Escala de Impulsividade BIS-11* e pelo *Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)*.

Em suma, os resultados obtidos apontam para a existência do fenómeno na comunidade escolar em estudo, para além de uma associação positiva entre o *cyberbullying* e a autoestima, a impulsividade, a sintomatologia psicopatológica e outros comportamentos antissociais. Por fim, constatou-se que o *cyberbullying* é um fenómeno preocupante, urgindo a necessidade de se aprofundar o estudo desta problemática.

**Palavras-chave:** Cyberbullying, Autoestima, Impulsividade, Sintomatologia Psicopatológica, Comportamentos Antissociais

## **Abstract**

In recent years, cyberbullying has reached an increasingly significant number of adolescents in Portuguese schools, particularly students aged between 13 and 17 years (Amado, Matos, Person & Jager, 2009; Robson & Witenberg, 2013 ). According to a plurality of studies (Estévez et al, 2010; Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2012), levels of perpetration and cyberbullying victimization reach its peak in the 3rd cycle of basic education, more specifically between 7 and the 9th grade, so that our study focus particularly in this universe of students. In this sense, we opted for the realization of our study within a Portuguese school community which are unknown data the prevalence and incidence of the phenomenon, specifically a school community of Bragança.

Through a quantitative methodology, objectives and research hypotheses were defined. Taking into account the existing literature on the issue, it proceeded to realize the impact of variables such as self-esteem, impulsiveness, psychopathological symptoms and other antisocial behavior on the victimization and perpetration of cyberbullying. The study sample was selected through the use of a statistical method of simple random sampling, which consists of 152 students of the 3rd cycle of basic education, and 79 are male and 73 are female, with a mean age 14.37 (SD = 7.02). In this sense, we proceeded to the administration of a questionnaire that schools, which included a sociodemographic questionnaire and a battery of instruments made by antisocial behavior scale, the Cyberbullying Questionnaire, Self-Esteem Scale Rosenberg (RSES), the Scale of Impulsiveness BIS-11 and the Psychopathological Symptoms Inventory (BSI).

In short, the results point to the existence of the phenomenon in the school community under study, as well as a positive association between cyberbullying and self-esteem, impulsiveness, psychopathological symptoms and other antisocial behaviors. Finally, it was found that cyberbullying is a serious concern, urging the need for further study of this issue.

**Keywords:** Cyberbullying, Self-esteem, Impulsivity, Psychopathological Symptomatology, Antisocial behavior

## Résumé

Au cours des dernières années, la cyberintimidation a atteint un nombre de plus en plus important d'adolescents dans les écoles portugaises, en particulier les étudiants âgés entre 13 et 17 ans (Amado, Matos, Personne et Jager, 2009; Robson & Witenberg 2013 ). Selon plusieurs études (Estévez et al, 2010 ; Sumter, Baumgartner, Valkenburg et Peter, 2012), les niveaux de la perpétration et la cyberintimidation victimisation atteignent son apogée dans le 3ème cycle de l'enseignement de base, plus précisément entre 7 et de la 9e année, de sorte que notre étude se concentrer en particulier dans cet univers des étudiants. En ce sens, nous avons opté pour la réalisation de notre étude au sein d'une communauté scolaire portugaise, qui sont des données inconnues, la prévalence et l'incidence du phénomène, en particulier une communauté scolaire de Bragança.

Grâce à une méthodologie quantitative, les objectifs et les hypothèses de recherche ont été définis. Compte tenu de la littérature existante sur la question, il a procédé à réaliser l'impact des variables telles que l'estime de soi, l'impulsivité, les symptômes psychopathologiques et autres comportements antisociaux sur la victimisation et la perpétration de la cyberintimidation. L'échantillon de l'étude a été sélectionnée par l'utilisation d'une méthode statistique d'échantillonnage aléatoire simple, qui se compose de 152 étudiants du 3e cycle de l'enseignement de base, et 79 sont des hommes et 73 sont des femmes, avec un âge moyen 14.37 (SD = 7,02). En ce sens, nous avons procédé à l'administration d'un questionnaire que les écoles, qui comprenaient un questionnaire sociodémographique et une batterie d'instruments réalisés par échelle de comportement antisocial, le questionnaire cyberintimidation for Self-Esteem Échelle Rosenberg (SSRS), L'Échelle de Impulsivité BIS-11 et Les Symptômes D'Inventaire Psychopathologique (BSI).

En bref, les résultats indiquent l'existence du phénomène dans la communauté scolaire à l'étude, ainsi que d'une association positive entre la cyberintimidation et l'estime de soi, l'impulsivité, les symptômes psychopathologiques et d'autres comportements antisociaux. Enfin, il a été constaté que la cyberintimidation est une préoccupation sérieuse, insistant sur la nécessité d'une étude plus approfondie de cette question.

**Mots-clés:** Cyberintimidation, L'Estime de Soi, L'impulsivité, La Symptomatologie Psychopathologique, Comportement Antisocial

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I - Enquadramento Conceptual .....	2
Capítulo II – Estudo Empírico .....	16
1. Método .....	16
1.1 Introdução .....	16
1.2. Objetivos, Variáveis e Hipóteses de Investigação .....	16
1.2.1. Objetivo Geral.....	17
1.2.2. Objetivos Específicos.....	17
1.2.3. Hipóteses de Investigação .....	17
1.3. Caraterização da Amostra .....	18
1.4. Instrumentos.....	18
1.4.1. Seção A – “Dados Sociodemográficos” .....	19
1.4.2. Seção B – “Comportamentos Antissociais” .....	19
1.4.3. Seção C – “Cyberbullying” .....	20
1.4.4. Seção D – “Comportamentos Individuais” .....	21
1.5. Procedimento de Recolha de Dados .....	23
1.6. Procedimento de Análise de Dados .....	24
Capítulo III – Análise e Discussão dos Resultados .....	25
1. Análises Estatísticas Descritivas.....	25
1.1. Dados Sociodemográficos .....	25
1.2. Hábitos dos jovens do 3º ciclo relativamente à utilização das TIC .....	26
1.3. Vitimização e Perpetração de Cyberbullying .....	27
2. Análises Estatísticas Correlacionais .....	31
2.1. Cyberbullying e Bullying.....	31
2.2. Hipóteses de Investigação.....	33
Capítulo IV – Conclusão .....	39
Referências bibliográficas .....	42
ANEXOS.....	50

## **Introdução**

A repercussão do fenómeno do cyberbullying nas escolas portuguesas é cada vez mais inquietante e sobremaneira preocupante. Nos últimos anos, o cyberbullying tem atingido um número cada vez mais significativo de adolescentes nas escolas portuguesas, em particular os alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, o que se reflete em sequelas amplamente prejudiciais nos domínios cognitivo, social, espiritual e mental das cybervítimas. De salientar que este cenário vislumbra-se um pouco por todo o mundo, cujo aumento tem acompanhado de perto a crescente sofisticação das tecnologias digitais (Amado, Matos, Pessoa & Jager, 2009; Robson & Witenberg, 2013).

Contudo, dada a natureza sensível do problema, urge a necessidade de uma investigação mais aprofundada, para compreender de forma mais ampla a incidência do cyberbullying no seio da comunidade estudantil portuguesa. Constata-se, efetivamente, que ainda há uma miríade de lacunas, talvez por consequência do carácter recente do impacto gerado pelo cyberbullying (Maia et al., 2015).

Apesar de já terem sido conduzidos estudos em algumas zonas do país que mostram que, efetivamente, o cyberbullying é uma realidade, a esmagadora maioria dos estudos efetuados tendem a concentrar-se nas grandes áreas metropolitanas do Porto e Lisboa, verificando-se uma notória escassez e carência de investigações com foco em outras localidades, nomeadamente no interior e, particularmente, no nordeste português. Partindo dessa premissa, consideramos que seria crucial fomentar um estudo deste cariz na cidade de Bragança, dada a total ausência de dados na literatura a respeito da prevalência, impacto e incidência do fenómeno.

De acordo com uma pluralidade de estudos (Estévez et al., 2010; Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2012), os níveis de perpetração e vitimização de cyberbullying alcançam o seu pico no 3º ciclo do ensino básico, mais especificamente entre o 7º e o 9º ano, daí que o nosso estudo se foque em particular neste universo de alunos.

Todavia, dada a limitação dos recursos e tempo disponíveis, a par dos imensos procedimentos burocráticos obrigatórios e fundamentais à realização de um estudo deste carácter, considerou-se que seria mais realista efetuar este estudo numa das principais comunidades escolares desta cidade. Com efeito, a escolha recaiu sobre a Escola



Secundária/3 Abade de Baçal, o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, pelo facto de ser a escola frequentada pela investigadora durante o ensino secundário.

Por último, é relevante enfocar a estrutura alusiva à presente dissertação de mestrado. A primeira parte, que corresponde ao Capítulo I, congrega o enquadramento concetual do estudo, Por seu lado, a segunda parte, traduzida no Capítulo II, foca, essencialmente, a metodologia à qual se recorreu neste estudo empírico. Na terceira parte, correspondente ao Capítulo III, proceder-se-á a uma Análise e Discussão dos Resultados rigorosa e pormenorizada, na qual se estabelecerá uma comparação entre os resultados obtidos e o referencial teórico que os sustenta, com o propósito de validar ou infirmar as hipóteses formuladas, assim como encontrar justificações plausíveis e passíveis de explicarem os factos observados, por meio das análises estatísticas no IBM SPSS Statistics 21. Por fim, na quarta parte, referente ao Capítulo IV, são efetuadas as conclusões e considerações finais mais relevantes da investigação, nas quais se englobarão os resultados mais relevantes/proeminentes, além da necessária referência às limitações que caracterizaram o estudo. Não obstante, realizar-se-á uma reflexão sobre os possíveis contributos desta investigação para um maior conhecimento e uma exploração mais aprofundada do fenómeno do cyberbullying, isto é, se fornece dados e informações mais exatas sobre um assunto sobre o qual ainda há muito a desenvolver no presente e num futuro próximo e se, quiçá, poderá inspirar outros investigadores a levar a cabo outros estudos e/ou projetos alusivos à problemática do cyberbullying.

Por último, a dissertação é finalizada nos Anexos, nos quais integrarão os materiais e documentos que constituíram ferramentas basilares, sem as quais seria impossível avançar em frente com o presente estudo.

## **Capítulo I - Enquadramento Conceptual**

### **1. Contextualização Histórica**

A crescente proliferação das novas tecnologias de informação e comunicação, cuja disseminação global foi encetada entre os finais do século XX e o alvorecer do século XXI, revolucionou os meios de contacto entre indivíduos, o que culminou na ampla ascensão da designada «era digital» (Maidel, 2009).

Numa breve contextualização histórica, este fenómeno consolidou-se em três fases, cujo ritmo de evolução acompanhou o desenvolvimento de toda uma série de tecnologias cada vez mais sofisticadas (Pinheiro, 2009). A primeira fase, ocorrida entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990), denominada de pré-cyberbullying, é marcada pela sua emergência, caracterizada pelo recurso a meios como a fotocopiadora e o telefone fixo. Por meio das fotocopiadoras, os jovens começaram a reproduzir e a distribuir pelos colegas fotografias e mensagens depreciativas acerca dos seus alvos, com o intuito de os humilhar e denegrir. Por seu lado, o telefone fixo era também outro meio que estes indivíduos encontravam para injuriar e ofender as suas vítimas (Pinheiro, 2009).

Todavia, com o advento dos telemóveis de 1ª geração e, posteriormente, de 2ª geração, emerge a segunda fase deste fenómeno, na qual o cyberbullying começa a assumir um carácter ainda mais problemático. Outrora circunscritos a aparelhos hoje em dia considerados obsoletos, os perpetradores deste comportamento têm acesso a uma oferta bem mais diversificada e com mais funcionalidades, nomeadamente o telemóvel (1ª geração), que lhes deu a possibilidade de enviar anonimamente mensagens insultuosas às vítimas, além de poderem difundir mais rapidamente rumores e histórias falsas pelos colegas. Com a 2ª geração, surgem os telemóveis com câmara fotográfica incorporada, o que se refletiu num crescendo da crueldade dos seus atos, que consistiam em tirar fotografias aos alvos durante e após a agressão, encarando estas tecnologias como meios de prolongar o sofrimento infligido às vítimas através do bullying tradicional (Pinheiro, 2009).

No entanto, em consequência do avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, o acesso à internet torna-se uma realidade cada vez mais presente. Foi precisamente com a internet que emergiu a terceira fase – o bullying digital –, a qual, involuntariamente, contribuiu para cimentar e disseminar a prática de cyberbullying, assumindo proporções seriamente alarmantes. Com o aparecimento no mercado dos telemóveis de 3ª geração, equipados, entre outros, com câmara de filmar, emergiu o fenómeno happy slapping, que se define pela gravação da perpetuação de atos violentos exercidos sobre a vítima, geralmente por um grupo constituído não só pelos agressores mas também por testemunhas que incitam esta prática. Posteriormente, é efetuada uma publicação dos vídeos desses episódios nas redes sociais (Amado, Matos, & Pessoa, 2009; Pinheiro, 2009).

## **2. Definição de Cyberbullying**

O cyberbullying é um fenómeno relativamente recente, e, com efeito, a sua definição ainda está longe de ser consensual (Rivers & Noret, 2009, cit. in Rato, 2016).

No entanto, apesar de o termo cyberbullying gerar ainda uma certa ambiguidade entre os investigadores da área, a sua definição tem sido alicerçada no recurso inadequado e desmesurado a dispositivos eletrónicos como a internet, o computador e o telemóvel, com o propósito central de oprimir, assediar, humilhar, intimidar e constranger moralmente e/ou psicologicamente uma pessoa ou grupo de indivíduos, através de fotografias íntimas, vídeos, imagens, mensagens agressivas, publicação de rumores falsos, roubo de nicknames e passwords, ou expulsão de um grupo de discussão (Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russel, & Tippett, 2010; Wendt & Lisboa, 2014), sendo que a sua conduta tende a repetir-se continuamente ao longo de um prolongado período de tempo, caracterizando-se por ser uma prática hostil, agressiva, invasiva, premeditada e repetitiva, dado que, uma vez online, a probabilidade do ficheiro vir a ser partilhado e comentado inúmeras vezes é deveras forte (Patchin & Hinduja, 2010; Tokunaga, 2010).

Segundo Dehue, Bolman & Völlink (2008), a ausência de contacto direto entre os jovens pode resultar num aumento da intensificação das agressões cibernéticas. Além do mais, tem a possibilidade de alcançar uma plateia mais abrangente de indivíduos. De salientar que o cyber-bullie é, geralmente, dotado de conhecimentos de informática, que lhe permite infiltrar-se e invadir as contas de e-mail e redes sociais dos seus alvos. A partir das contas pessoais das vítimas, o agressor cibernético aproveita para denegrir ainda mais a imagem dela junto das pessoas conhecidas, em especial os amigos, efetuando, por exemplo, publicações de cariz ofensivo sobre eles em nome da vítima, semeando, com efeito, conflitos e desentendimentos com o grupo de pares (Maia et al., 2015). De acrescentar que, em média, 20 a 40% dos jovens são confrontados, pelo menos uma vez na vida, com o fenómeno do cyberbullying (Arsène & Raynaud, 2014).

Denota-se, assim, um amplo desequilíbrio de poder, na medida em que o cyber-bullie exerce um forte domínio psicológico sobre a vítima (Kowalski et al., 2008, cit. in Hines, 2011).

## **3. “Geração Digital”: risco acrescido de Cyberbullying**

Tal como se tem vindo a sublinhar, as tecnologias revolucionaram de forma marcante a vida das pessoas, especialmente a dos adolescentes. Em consequência, os

jovens, que se encontram numa etapa de desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional, concedem uma significativa parte do seu tempo ao uso do telemóvel, computador e Internet, o que constitui um cenário preocupante (Yang et al., 2014, cit. in Maia et al., 2015).

Em Portugal, um estudo efetuado por Maia e colaboradores (2015) averiguou a existência de uma relação entre o recurso massivo a tecnologias digitais e um aumento da prevalência do cyberbullying, numa amostra de adolescentes. Numa análise aos resultados obtidos por estes investigadores, constatou-se que os jovens acedem cada vez mais precocemente às tecnologias digitais. Mais concretamente, 80,2% revelou que o seu primeiro contato com a internet deu-se antes dos 11 anos; 97,6% possuíam computador com acesso à internet em casa e 60% dos jovens inquiridos usavam-no, no mínimo, uma hora por dia durante o período de aulas; 83,7% afirmou ter telemóvel, sendo que 70,3% receberam o primeiro destes dispositivos igualmente antes dos 11 anos. De frisar ainda que 90% dos adolescentes declarou que tem pelo menos um perfil nas redes sociais. Relativamente às condutas de risco online praticadas, 4% assumiu ter colocado o contato de telemóvel e/ou a morada no perfil, 5,6% disse ter fornecido dados íntimos a terceiros online, e 18,1% partilhou que já se envolveu em situações de descontentamento e revolta face à exposição de vídeos e/ou fotografias suas na internet. No que concerne ao envolvimento em ações de cyberbullying, 15,7% dos adolescentes inquiridos confessou ter praticado este comportamento agressivo. Assim, Maia e colaboradores (2015) aferiram que, de facto, há uma relação positiva entre a utilização assídua da internet, telemóvel e computador com uma maior propensão para o envolvimento em situações de cyberbullying.

Por sua vez, 81,7% adolescentes expostos a este tipo de agressão cibernética reportaram o sucedido a terceiros, 63% contaram ao grupo de pares e somente 37% expuseram o problema aos progenitores ou aos professores. Deste modo, um número significativo de pessoas com as quais interage no quotidiano, nomeadamente os cuidadores, não tem conhecimento deste problema, que afeta grandemente a vida dos filhos nos mais variados domínios. Além disso, há evidências que os pedidos de ajuda e denúncias são ainda menos frequentes do que nos casos de bullying tradicional (Gross, 2004; Maia et al., 2015).

#### **4. Cyberbullying e Bullying**

Na perspectiva de Kowalski, Limber e Agaston (2008), o cyberbullying, em contínuas situações, sobrevém como uma ampliação e extensão da prática de bullying tradicional, na medida em que os cyber-bullies e as ciber-vítimas poderão ser os mesmos do bullying, havendo a forte possibilidade de estas últimas, como forma de retaliação e vingança, tornarem-se elas próprias executoras de cyberbullying (Slojen, Smith e Frisén, 2013; Carson, 2014). De facto, foi apurada uma coocorrência entre ambas, assente em 30 a 95% de perpetuações e vitimizações (Arsène & Raynaud, 2014).

Contudo, no cyberbullying, a privacidade e anonimato proporcionado pelos dispositivos tecnológicos oculta e protege a identidade do cyber-bullie, o que lhes dá a oportunidade de injuriar e difamar a cyber-vítima, restringindo grandemente os seus movimentos para enfrentar os ataques online de que tem sido alvo. Como agravante, as publicações de natureza ofensiva sob a forma de publicações, comentários, fotografias ou vídeos nas redes sociais tendem a difundir-se rapidamente, não só entre os colegas da escola, mas também entre desconhecidos que não têm qualquer relação com a vítima, em consequência das partilhas de estados e/ou comentários ofensivos por parte das testemunhas online que, ao invés de ajudar a travar este problema, amplificam a humilhação e sofrimento da vítima. Para agravar, é comum que o adolescente, além de ser intimidado e humilhado dentro dos limites da escola, o seja posteriormente e/ou simultaneamente, por via da internet (Smith, 2010; Arsène & Raynaud, 2014).

#### **5. Prevalência: Idade, Género e Escolaridade**

No caso específico das diferenças de género, assevera-se uma discrepância nos resultados obtidos pelos investigadores da área. Em relação à primeira, uma miríade de autores averiguou que há uma proporção mais significativa de cyber-vítimas do sexo feminino (Smith et al., 2006; Hinduja & Patchin, 2009), sobretudo alvo de mensagens ofensivas, ameaçadoras e lesivas por via e-mail e outras plataformas digitais, bem como o roubo de identidade online, ao passo que outros autores não apuraram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas (Ortega et al., 2008).

No que concerne aos cyber-bullies, vários investigadores aferiram que os jovens do sexo masculino têm uma maior propensão para enveredar por condutas de cyberbullying (Popović-Ćitić, Djurić, & Cvetković, 2011), embora as raparigas também se revelem perpetradoras ativas (Carson, 2014). Por outro lado, Kowalski e Limber (2007) indicaram

que as raparigas se envolvem em maior número neste comportamento, comparativamente ao sexo masculino.

Conforme Calvete e colaboradores (2009), as raparigas tendem a recorrer a agressões cibernéticas de carácter mais indireto, nomeadamente a propagação de rumores, histórias falsas e comentários depreciativos e ultrajantes, enquanto os rapazes revelam uma tendência para a adoção de uma abordagem mais invasiva, sustentada na gravação, por meio do telemóvel, de colegas da escola envolvidos em situações embaraçosas, na prossecução do recente fenómeno happy slapping, e posterior publicação e difusão na Internet.

De acordo com uma pluralidade de estudos, os níveis de perpetração e vitimização de cyberbullying alcançam o seu pico no 2º e 3º ciclo do ensino básico, mais especificamente entre o 5º e o 8º ano, havendo uma tendência de decréscimo aquando do ingresso no ensino secundário. A faixa etária dos 13-17 anos é consideravelmente a mais afetada, em particular os adolescentes com 14 anos (Estévez et al., 2010; Sumter, Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2012).

Por um lado, os alunos mais velhos propendem a ser os perpetradores em maior escala; por outro lado, os mais novos são, consideravelmente, os mais vitimados (Beale & Hall, 2007). Conforme Walrave e Heirman (2011), a incidência da perpetuação do cyberbullying tende a aumentar com a idade.

Segundo Kowalski e Limber (2007), praticamente metade dos sujeitos inquiridos no seu estudo (48%) não tinham conhecimento da identidade do cyber-bullie. Os resultados obtidos por Ybarra e Mitchell (2007) coadunam-se com estes, dado que 69% das vítimas indicaram que desconheciam o perpetrador. Todavia, de acordo com estes mesmos autores, a esmagadora maioria dos agressores cibernautas (84%) afirmou que conhecia o alvo das suas ações.

## **6. Atores do Cyberbullying**

De acordo com Ortega e colaboradores (2012), esta problemática implica a existência de, pelo menos, dois sujeitos: o cyber-bullie, isto é, aquele que perpetua a agressão através de meios eletrónicos e, com efeito, a cyber-vítima. Contudo, tendo em consideração a escalada inerente à ocorrência dos episódios de vitimização por cyberbullying, os atores envolvidos acabam, em diversas situações, por realizar uma alternância contínua entre cyber-bullies e cyber-vítimas, quando estas últimas retaliam com

o intuito de se vingarem das opressões e humilhações de que têm sido alvo (Fegenbush & Olivier, 2009, cit. in Bento, 2011).

Paralelamente, tal como no bullying tradicional, também se pode verificar a presença dos designados espectadores – ou bystanders – os quais podem, ou não, ser amigos ou conhecidos da cyber-vítima. Tal como o nome indica, os espetadores acompanham de perto os episódios de violência online. No caso específico do cyberbullying, a audiência pode ser infinita, e estes podem vir a ser responsáveis por exacerbar os danos provocados na cyber-vítima, apoiando e incentivando os ataques através de comentários maliciosos e depreciativos aos posts, fotografias e/ou vídeos publicados sobre o alvo de injúrias, ou até mesmo partilhá-los e disseminá-los pela internet, a fim de alcançar o maior número possível de pessoas, o que contribui para humilhar e oprimir ainda mais a vítima destes ciberataques (Coloroso, 2005).

## **7. Perfis de Cyberbullying**

Calvete, Orue, Estévez, Villardón e Padilla (2010), investigadores que procuraram definir um perfil adequado para o cyber-bullie em geral, encontraram uma associação muito forte com outros indícios de comportamentos violentos e antissociais, e um conjunto de variáveis marcadamente contextuais, assentes numa elevada exposição à violência no seio familiar e/ou da comunidade onde cresceu, apoio social e dos pares menos percebido e/ou diminuto, entre outras. A fim de manter as suas atividades no anonimato, o cyber-bullie recorre a uma miríade de medidas de cunho preventivo, entre as quais a criação de uma multiplicidade de contas (autênticas e/ou falsas) de e-mail e nas redes sociais; a utilização dos equipamentos tecnológicos somente em horas mais noturnas; encerramento, minimização ou alternância entre sites abertos no momento em que um progenitor, por exemplo, se aproxima do computador; evasão de conversas sobre todo e qualquer assunto subjacente às ações que normalmente põe em prática no computador e/ou no telemóvel, etc. Tal como se tem vindo a ressaltar, os perpetradores de cyberbullying auferem de uma desafogada liberdade de movimentos e autonomia, a qual permite a ocultação da sua identidade, interdita no bullying tradicional.

Por outro lado, as cyber-vítimas, em consequência do sofrimento prolongado, o qual advém também, numa série de casos, de agressões de bullying, apresentam um perfil, marcado por alternâncias de humor mutáveis e intrincadas, um nível de ansiedade e stress exacerbado, indícios claros de depressão, tendência para se isolar socialmente, espelhada no afastamento do grupo de pares e deterioração da relação com os cuidadores e familiares,

dificuldade de concentração nas atividades escolares e frequentes queixas de cariz psicossomático, etc. (Willard, 2007). Não obstante, sentem-se incompreendidas e inseguras, quer em casa, quer na escola, e tendem a perceber as figuras de autoridade como inaptas para fornecer um auxílio adequado (Arsène, 2013).

De acordo com Diamanduros, Downs & Jenkins (2008), a cyber-vítima propende a manifestar-se em pânico aquando da receção de um e-mail ou mensagem, uma persistente sensação de inquietação e desconforto nos contextos onde se insere, uma interrupção abrupta da utilização do computador, manifestando sinais de tristeza, ira e arrependimento após o seu uso, assim como esquivar-se de responder a questões acerca das atividades que efetua com os dispositivos digitais em geral.

## **8. Fatores de Risco**

Nos últimos anos, tem havido uma preocupação crescente em averiguar se o cyberbullying tem influência de outros fatores de risco. Dado que, nos anos predecessores, especialmente na segunda metade do século vigente, quer a nível estrangeiro, quer nacional, se tem procurado apurar a existência de uma associação entre cyberbullying e uma série de variáveis de caráter individual, psicopatológico e comportamental, tendo sido asseverados resultados deveras significativos, consideramos de suma relevância averiguar a sua validade e replicabilidade de algumas dessas variáveis nesse contexto em específico (Maidel, 2009; Di Lorenzo, 2012).

### **8.1. Cyberbullying e Autoestima**

Conforme Rosenberg (1972, cit. in Rato, 2016), e Savin-Williams e Demo (1983, cit. in Rato, 2016), a autoestima é essencialmente definida como o valor pessoal que os indivíduos atribuem a si próprios, constituindo uma importante fonte de autoconhecimento, a qual, por um lado, pode ser positivo e, por outro lado, negativo. Segundo Plummer (2005), a adolescência é um período marcado por uma série de transformações importantes nos domínios físico, cognitivo e emocional, o que, com efeito, pode caracterizar-se por uma fase de forte incerteza e vulnerabilidade. Em particular, é nesta etapa que ocorre um desenvolvimento bastante significativo da identidade e autoestima (Sroufe, 1996, cit. in Rato, 2016). Assim sendo, a construção de uma autoestima positiva incrementa nos adolescentes a crença nas suas competências para controlar vários aspetos das suas vidas (Branden, 1994, cit. in Rato, 2016). Não obstante, contribui para a diminuição da



probabilidade dos adolescentes enveredarem por problemas comportamentais (Zimmerman, Copeland, Shope, & Dielman, 1997, cit. in Rato, 2016).

No caso específico da existência de uma relação entre autoestima e cyberbullying, a literatura evidencia a existência de uma associação entre as duas problemáticas. Patchin e Hinduja (2006) foram os primeiros autores a colocar a hipótese da possível existência de uma associação entre autoestima e cyberbullying. Apesar de escassos estudos se terem debruçado sobre esta relação, foi possível aferir que quer as cyber-vítimas quer os cyberbullies apresentavam níveis mais baixos de autoestima, em contraste com os jovens que nunca se envolveram em práticas de cyberbullying (Didden et. al., 2009).

Segundo Patchin e Hinduja (2010), a correlação entre baixa autoestima e experiências de cyberbullying revelou-se moderada e estatisticamente significativa. Este resultado manteve-se firme, apesar de os investigadores terem procedido a um controlo das diferenças sociodemográficas no que se refere ao género, idade, etnia ou raça. Todavia, a relação entre perpetração de cyberbullying e autoestima é menos significativa, o que indica que a autoestima das vítimas é consideravelmente mais afetada. Em complemento, Pyżalski (2012) observou, entre os sujeitos que se assumiram como perpetradores de cyberbullying, uma correlação positiva baixa com índices de autoestima mais elevados, em especial naqueles que infligiram ataques online num diversificado leque de cyber-vítimas.

Apesar de não haver diferenças significativas, é de salientar que as raparigas (cyber-vítimas ou cyber-bullies) manifestam de forma expressiva um nível mais baixo de autoestima, em comparação com os rapazes em situações similares. Estes últimos demonstram um nível de autoestima grandemente superior ao dos envolvidos em cyberbullying. De realçar ainda que estes resultados harmonizam-se com estudos realizados por outros investigadores anteriormente (Estevez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010).

As consequências que o cyberbullying pode ter na autoestima das cyber-vítimas são, entre outras, prejudicar largamente a sua capacidade de socialização, tendendo a isolar-se e apresentando sérias dificuldades em estabelecer relações interpessoais saudáveis e sentimentos de tristeza, ansiedade, culpa, vergonha, frustração e raiva (Lim et al., 2005, cit. in Hanes, 2011). Estes efeitos podem perdurar, em alguns casos, até à idade adulta (Tavares, 2012). Além disso, parece refletir-se negativamente no seu percurso escolar, bem como em sérios problemas de comportamento, quer nas cyber-vítimas quer nos cyberbullies (Patchin & Hinduja, 2008), sendo um das sequelas mais frequentemente apresentadas pelas vítimas (Anderson & Sturm, 2007). No que toca aos cyber-bullies, a

conduta agressiva demonstrada pode ser uma consequência da ausência de referências sólidas para a formação da sua autoestima (Pingoello, 2009, cit. in Maidel, 2009).

A autoestima assume-se, assim, como um fator de personalidade chave para uma compreensão mais ampla acerca da dinâmica do cyberbullying (Calmaestra, Mora-Merchán, & Ortega, 2011).

## **8.2. Cyberbullying e Impulsividade**

Primeiramente, uma série de estudos tem aferido que os jovens que enveredam por práticas de cyberbullying manifestam índices de impulsividade mais elevados. Evidenciou-se que os jovens que executam por horas a fio várias atividades online são tendencialmente mais impulsivos, o que pode culminar, com efeito, no envolvimento em condutas de cyberbullying (Mitchell et al., 2005).

De acordo com Moeller et al. (2001), o conceito de impulsividade é definido como a propensão dos sujeitos para se comportar com menos prudência e a enveredar por condutas irrefletidas, inconscientes, imprudentes e de caráter arriscado. Por sua vez, Eysenck (1993) sustenta que a impulsividade se relaciona com a ausência de planeamento das ações por parte dos indivíduos, os quais revelam uma tendência para enveredar para uma tomada precipitada de decisões.

Os jovens que revelam altos índices de impulsividade estão constantemente inquietos, impacientes e em busca de novas sensações, cujos níveis de risco, há medida que essa necessidade se eleva, atingem proporções descomunais. Assim, dada a comprovada dependência dos adolescentes em relação às novas tecnologias, estes podem encontrar no cyberbullying uma forma de extravasar impulsivamente toda a amálgama de sentimentos de raiva, revolta ou frustração (Vargas, Tallers, Parris, & Cutt, 2010), atingindo um estado temporário de alívio e até de felicidade, o que resulta num crescente aumento da autoestima (Calvete & Cardenoso, 2005, cit. in Pinto, 2011).

Contudo, segundo Bhat, Suniti, Shih-Hua, & Jamie (2010), “a impulsividade pode ser responsável pelas ações de cyberbullying que são perpetuadas (...) para retaliar contra alguém ou para vingar um ligeiro, imaginário ou real problema”. Nestes casos, as crenças e opiniões negativas no que alude ao caráter destes atos dissipam-se, a dor, humilhação e raiva são de tal forma elevadas que a única via para os ultrapassar é a retaliação, “fazer com que paguem na mesma moeda” (Pinheiro, 2009; Arsène, 2013).

Não obstante, apoiam-se também no anonimato que a internet lhes proporciona, dado o cada vez mais facilitado e gratuito acesso à internet, tendo possibilidade de criar

contas de e-mail falsas e/ou perfis fictícios nas redes sociais. Aquando da perpetração de cyberbullying, o recurso ao anonimato pode ser explicado pelo chamado efeito de desinibição (Palfrey & Gasser, 2011, cit. in Wendt & Lisboa, 2014). Isto é, perante a possibilidade de manter a sua identidade oculta, os jovens cyber-bullies creem que a probabilidade de virem a ser descobertas é nula ou praticamente improvável, e, com efeito, acreditam que se encontram livres para extravasar os seus impulsos mais reprimidos, não havendo obstáculos que os circunscrevam. Com efeito, o cyber-bullie, cada vez mais desabitado a um contacto visual humano permanente e constante, não tem uma noção concreta das consequências e repercussões das suas ações. Ao contrário do que sucede no bullying, não há elementos precisos que indiquem ao agressor cibernético de que o alvo das suas injúrias foi realmente lesado em consequência dos seus atos (Hinduja & Patchin, 2009).

Efetivamente, a prática de cyberbullying tem uma relação estreita com este traço, sendo que uma série de atividades antissociais executadas online foi associada a níveis acentuados de impulsividade, evidenciando os cyber-bullies um défice no controlo de impulsos (Floros, Siomos, Fisoun, Dafouli, & Geroukalis, 2011).

### **8.3. Cyberbullying e Sintomatologia Psicopatológica**

Arsène e Raynaud (2014), na sua metanálise, procuraram determinar se há fatores de risco que predis põem e/ou propiciam a existência de sintomatologia psicopatológica em muitos perpetradores do cyberbullying. Conforme estes autores, verifica-se que quer os cyber-bullies quer as cyber-vítimas manifestam uma predisposição mais significativa para desenvolver desordens de ordem psicopatológica, com efeitos nefastos em todos os domínios das suas vidas, em oposição aos sujeitos que nunca enveredaram pelo cyberbullying.

De acordo com Magaud, Nyman & Addington (2013), cerca de 35 a 38% dos adolescentes vítimas de cyberbullying revelam fortes índices de sofrimento psicológico (e.g., sentimentos extremos de vergonha, medo, constante temor pelas suas vidas, frustração, solidão, culpa, raiva, tristeza, sentimentos de inferioridade, etc.) especialmente os jovens que conhecem e estabeleceram algum contacto com o seu agressor cibernético. Por seu lado, as cyber-vítimas evidenciam 2 a 3 vezes mais transtornos de depressão, em consequência da severidade dos episódios vivenciados, além de exacerbados valores de ansiedade, irritabilidade, desequilíbrio emocional, perda de interesse pelas atividades

escolares e intenso stress emocional (Patchin & Hinduja, 2006). Tokunaga (2010) constatou que as vítimas de cyberbullying demonstram vários problemas de cariz psicossocial e humor negativo, entre os quais hostilidade externalizada e delinquência. A par disso, Sahin (2012) averiguou a existência de uma propensão para as cyber-vítimas se isolarem socialmente.

Por sua vez, em Portugal, Bento (2011) averiguou não só a existência de sintomatologia psicopatológica nas vítimas cibernéticas, mas também nos cyber-bullies, em alunos do 3º ciclo do ensino básico, entre os 12 e os 18 anos, por meio do recurso ao BSI. Nesse sentido, a autora apurou que os jovens estudantes que declararam ser ou ter sido vítimas de cyberbullying apresentaram valores mais elevados de sintomatologia psicopatológica, quer através do telemóvel quer da internet. Por seu turno, os alunos que relataram ter sido perpetradores apresentam igualmente sintomas de natureza psicopatológica, embora somente aqueles que perpetraram comportamentos de cyberbullying recorrendo à internet é que mostraram valores realmente expressivos.

#### **8.4. Cyberbullying e Outros Comportamentos Antissociais**

No que concerne à associação entre cyberbullying e outros comportamentos antissociais, averiguou-se que os jovens que enveredam pela prática de cyberbullying apresentam problemas do foro comportamental, envolvendo-se em transgressões às normas e condutas antissociais que não se restringem ao cyberbullying (Arsène, 2013). Os cyber-bullies manifestam amplos problemas de cariz antissocial, como a insensibilidade, frieza emocional, delinquência e hostilidade externalizada, tendendo a lidar com raiva e fúria mediante o contacto com certos estímulos (Tokunaga, 2010).

Sourander e colaboradores (2010) constataram que os cyber-bullies da sua amostra manifestam uma série de comportamentos antissociais e de conduta persistentes, sendo responsáveis por várias infrações e violações às regras estabelecidas, mais concretamente vandalismo, fraudes, invasão e/ou destruição de propriedades privadas e estabelecimentos públicos, fuga de casa, faltas às aulas e suspensões frequentes, assaltos, roubos, furtos, desrespeito às figuras de autoridade e/ou violência física e verbal, consumo frequente e venda de droga e embriaguez (Ang & Goh, 2014). Hemphill e colaboradores (2012) aferiram também que os agressores cibernéticos propendem em maior número à prática de condutas de bullying tradicional. A par disso, o seu grupo de pares era constituído maioritariamente por jovens delinquentes e com cadastro criminal, além de, em geral,

terem relações sobremaneira problemáticas com as figuras parentais (Sumter, Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2012).

Além dos estudos de caráter marcadamente estatístico, um estudo de cariz longitudinal dedicou-se à investigação de uma possível associação entre a prática de cyberbullying e outros comportamentos antissociais. Resumidamente, os alunos do 7º ano que se encontravam envolvidos em condutas antissociais, como ameaças, ataques, intimidações, agressões relacionais e difusão de boatos sobre os colegas, ou por outro lado, excluídos socialmente, demonstraram, dois anos mais tarde, no 9º ano de escolaridade, uma maior predisposição para enveredar ou ser vitimados por atos de cyberbullying, até 15 vezes mais do que o grupo de controlo. Por um lado, os estudantes que foram vítimas de bullying tradicional revelaram também ser sofrido de cyberbullying, e, por outro lado, aqueles que perpetraram ações de bullying e outras de cunho antissocial, que tinham amigos delinquentes ou provinham de um seio familiar desajustado e problemático eram mais suscetíveis à execução de cyberbullying, cujo impacto destes fatores de risco aferiu-se deveras determinante (Hemphill et al., 2012).

Em similitude com os cyber-bullies, as vítimas de cyberbullying podem revelar distúrbios comportamentais, nomeadamente o envolvimento em ações delinquentes e amplos problemas sociais e relacionais (Schneider, O'Donnell, Stueve, & Coulter, 2012). Inclusive, estes autores aferiram que as cyber-vítimas têm uma forte propensão para demonstrar reações e atitudes antissociais agressivas, que espelham o quão psicologicamente ficaram afetadas, como por exemplo levar armas para o contexto escolar (até 8 vezes mais) em oposição aos jovens que nunca estiveram envolvidos em cyberbullying, o que contribui fortemente para um risco indelével de enveredar também por esta prática. Dehue (2013) apurou que as jovens vítimas cibernéticas revelavam taxas de delinquência 2 a 3 vezes mais proeminentes em relação aos indivíduos que não foram alvo deste fenómeno.

É importante acrescentar que os participantes que ignoravam a identidade do agressor cibernético demonstraram mudanças profundas a nível psicológico e emocional, sendo dominadas por estados contínuos de raiva e angústia. Por sua vez, os sujeitos que estavam cientes da identidade do perpetrador revelaram desordens comportamentais e antissociais, assinaladamente o envolvimento em condutas agressivas e conflituosas, com o objetivo de retaliação e vingança. Por último, no que diz respeito ao caso específico das vítimas e/ou agressores cibernéticos, verifica-se que estes demonstram uma conduta

antissocial ainda mais perigosa, assim como uma maior incidência do défice de atenção e hiperatividade (Campos, 2009).

Conforme Arsène e Raynaud (2014), há medida que os atos de cyberbullying se repetem e prolongam no tempo, tendem a aumentar proporcionalmente os distúrbios comportamentais e antissociais. Sourander e colaboradores (2010) descobriram que as transgressões antissociais foram 3 vezes mais em cyber-bullies adolescentes ocasionais e 7 vezes mais nos cyber-bullies regulares, numa comparação com jovens da mesma idade que, apesar de nunca terem levado a cabo ações de cyberbullying, praticaram atos delinquentes.

## **9. Cyberbullying em Portugal**

O cyberbullying é um fenómeno que se tem vindo a propagar e a enraizar em milhares de escolas um pouco por todo o mundo, inclusive no nosso país. Conforme Amado, Matos e Pessoa (2009), assim como Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso (2013), tem havido uma preocupação cada vez mais patente com o impacto desta problemática.

No entanto, o nosso país carece de um plano nacional especificamente norteado para a problemática do cyberbullying. Além disso, os estudos efetuados acerca deste fenómeno no contexto português ainda estão longe de ser satisfatórios, e, dada a natureza dos resultados obtidos pelos autores dos mesmos, urge a necessidade de se encetar mais projetos de investigação e proceder à elaboração de mais programas de prevenção, avaliação e intervenção direcionados para a problemática do cyberbullying (Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013).

Relativamente à legislação, é importante salientar que o cyberbullying não se encontra ainda tipificado no Código Penal Português, embora uma significativa parte dos atos de cyberbullying seja abrangida pela lei promulgada em 2009, relativa ao Cibercrime (Lei n.º 109/2009, de 15 de setembro).

Porém, esta lei está longe de abarcar todos os crimes cometidos por via da Internet, nos quais se incluem, entre os mais agravados, o cyberbullying, urgindo a necessidade de se proceder à elaboração de uma lei mais abrangente. Não obstante, as forças policiais e criminais possuem escassos recursos humanos e eletrónicos, o que não lhes permite intervir adequadamente em todos os casos deste cariz. Em consequência, apesar da lei do cibercrime se revelar relativamente completa, não é possível aplicá-la totalmente na

prática, dada a insuficiência de meios disponíveis (Freire, Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013).

## **Capítulo II – Estudo Empírico**

### **1. Método**

#### **1.1 Introdução**

Tendo em consideração as especificidades da investigação proposta no âmbito da dissertação de mestrado, o estudo rege-se por uma metodologia quantitativa. Nesse sentido, procedeu-se a uma extensa revisão da literatura e à formulação de hipóteses acerca dos fenómenos que constituem o foco da investigação.

Os dados do estudo foram recolhidos por meio da administração de um questionário estruturado, construído com base nas questões provenientes de uma série de instrumentos. Para cada variável, foi selecionado um instrumento que se considerou adequado para avaliar essa mesma dimensão.

Assim sendo, no presente capítulo, visa-se apresentar a metodologia do nosso estudo empírico. Em primeiro lugar, serão explanados os objetivos gerais e específicos do estudo, a par das variáveis e hipóteses da investigação. Em seguida, é efetuada uma descrição detalhada das componentes subjacentes ao método, nomeadamente a amostra, os instrumentos usados, atendendo à sua definição, os elementos que avaliam e as suas características psicométricas, bem como o procedimento utilizado ao nível da recolha e análise dos dados do estudo.

#### **1.2. Objetivos, Variáveis e Hipóteses de Investigação**

Partindo de uma revisão da leitura sobre as problemáticas a partir das quais se desenvolveu a dissertação de mestrado, foram delineados os objetivos e hipóteses de investigação, tendo sido previamente asseguradas a plausibilidade, validade e pertinência da sua aplicação.

A partir das variáveis independentes, procedeu-se à análise do impacto que estas produzem na variável dependente, isto é, em que medida é influenciada e condicionada por elas. Mais especificamente, no que concerne aos fatores individuais, foram definidas três variáveis independentes – a *autoestima*, a *impulsividade* e a *sintomatologia psicopatológica*. No que diz respeito aos fatores comportamentais, definiu-se a variável

*outros comportamentos antissociais*. Por sua vez, o *cyberbullying* constitui-se como a variável dependente, cujos níveis poderão ser diretamente influenciados e condicionados pelas variáveis independentes.

1.2.1. **Objetivo Geral:** Examinar o papel de fatores individuais e comportamentais na perpetração e vitimização do *cyberbullying*.

### 1.2.2. Objetivos Específicos

**1º Objetivo:** Aferir se as vítimas e perpetradores de *cyberbullying* revelam níveis de autoconceito mais baixos, comparativamente àqueles que não vivenciaram este fenómeno.

**2º Objetivo:** Apurar se os atores de *cyberbullying* apresentam níveis de impulsividade mais elevados do que os jovens que não levaram a cabo ações de *cyberbullying*.

**3º Objetivo:** Verificar se os adolescentes vitimizados ou que praticaram condutas de *cyberbullying* revelam uma sintomatologia psicopatológica mais elevada do que aqueles que não experienciaram este tipo de comportamento antissocial.

**4º Objetivo:** Averiguar se os jovens que praticam atos de *cyberbullying*, ou foram vítimas deste fenómeno, apresentam níveis de envolvimento em outros comportamentos antissociais.

### 1.2.3. Hipóteses de Investigação

**H1:** Os adolescentes envolvidos no *cyberbullying*, quer vítimas quer perpetradores, manifestam níveis de autoestima mais reduzidos do que aqueles que nunca experienciaram este tipo de agressão cibernética.

**H2:** Os perpetradores de *cyberbullying* revelam níveis de impulsividade mais expressivos do que os alunos que nunca praticaram este comportamento.

**H3:** Os sujeitos vitimizados ou que se envolveram em atos de *cyberbullying* apresentam níveis de sintomatologia psicopatológica mais significativos do que aqueles que não foram vitimizados ou enveredaram por esta conduta.



**H4:** As vítimas e perpetradores de *cyberbullying* apresentam taxas de envolvimento mais elevadas em outros comportamentos antissociais do que os adolescentes que nunca contactaram com este fenómeno.

### **1.3. Caraterização da Amostra**

A amostra é composta por 152 alunos do 3º ciclo do ensino básico. O estudo foi aplicado numa escola secundária da cidade de Bragança, mais concretamente o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal. De salientar que se teve em atenção a proporção de sujeitos que integrou a amostra, de forma a que esta fosse representativa da população de alunos do 3º ciclo dessa escola de Bragança. No total, a amostra foi constituída por 114 raparigas e 71 rapazes, com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos.

Para tal, recorreu-se a um método de amostragem que possibilitasse que todos os alunos tivessem a mesma probabilidade de virem a ser selecionados, tendo em consideração o número de turmas de 7º, 8º e 9º ano existentes nessa escola (unidade=turma). Nesse sentido, considerou-se que o método de amostragem aleatória simples era o mais adequado para se proceder à seleção das unidades amostrais.

A fim de facilitar o processo de seleção aleatória, recorreu-se a uma base de dados (*software* IBM SPSS Statistics 21), tendo-se atribuído um número aleatório a cada turma e, por meio da realização das operações necessárias, selecionou-se e obteve-se então a amostra definitiva do estudo. Desse modo, as turmas selecionadas por cada ano foram integradas em três grandes grupos. Mais concretamente, os alunos das turmas de 7º ano selecionadas integraram o grupo “7º ano”, constituído por 64 estudantes; os alunos das turmas de 8º ano foram abarcados no grupo “8º ano”, composto por 59 estudantes; e, por fim, os alunos do 9º ano foram englobados no grupo “9º ano”, com um total de 62 estudantes. O objetivo foi garantir que a distribuição do número de sujeitos por cada grupo fosse homogénea.

Assim, foram selecionadas aleatoriamente três turmas por ano de escolaridade, o que se traduziu numa amostra constituída por 185 alunos, provenientes de nove turmas no total, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

### **1.4. Instrumentos**

Com o intuito de aplicar este estudo na prática, somente possível por meio da recolha de dados no terreno, procedeu-se à construção de um questionário que

contemplasse eficazmente as variáveis em estudo. Para tal, após uma extensa pesquisa e análise de uma série de instrumentos, selecionaram-se aqueles que se coadunavam melhor com os objetivos da dissertação, assim como as hipóteses de investigação propostas.

#### **1.4.1. Seção A – “Dados Sociodemográficos”**

O inquérito encontra-se organizado em quatro seções – A, B, C e D. Na seção A, “Dados Sociodemográficos”, pretendeu-se obter algumas informações sociodemográficas consideradas relevantes para a caracterização da amostra deste estudo. As seis questões colocadas nesta seção não são baseadas em nenhum instrumento em particular, embora sejam perguntas contempladas numa miríade de questionários do género. De ressaltar que são essencialmente perguntas de resposta fechada e/ou curta e direta, na qual se solicita aos alunos que assinalem com um X a opção que corresponde à sua situação.

#### **1.4.2. Seção B – “Comportamentos Antissociais”**

Por sua vez, na seção B, “Comportamentos Antissociais”, com a principal finalidade de medir esta variável, mais especificamente estabelecer um contraponto entre o envolvimento em condutas de *cyberbullying* e outras condutas antissociais (hipótese 4) recorreu-se a um instrumento adaptado por Chitas (2010), construído com base numa série de indicadores subjacentes a uma panóplia de comportamentos antissociais usados num estudo de Cooper, Shaver e Collins (1998, cit. in Chitas, 2010). Mais concretamente, o instrumento em questão é composto por 26 itens, nos quais são englobados comportamentos como furtos, roubos, fugas de casa, vandalismo, etc.

Esta escala engloba oito alternativas de resposta fechada, tendo o aluno de apenas colocar uma cruz na opção que melhor traduzisse a frequência da sua prática desses comportamentos em específico. É uma escala com oito alternativas de resposta (Nenhum; 1; 2-3; 4-5; 6-7; 8-9; 10-11; 12 ou mais), cotadas de 0 a 7, entre 0 = “nenhuma” e 7 = “12 vezes ou mais”.

De destacar que esta escala revela índices de consistência interna aceitáveis, uma vez que o valor alfa de Cronbach da indisciplina situa-se em .90; o de crime contra a propriedade assenta em .93; o de delinquência violenta estabelece-se em .91 e, por fim, o da globalidade da escala é de .97 (Dias, 2012).

### 1.4.3. Seção C – “Cyberbullying”

Posto isto, a terceira parte do questionário, a seção C, visa os comportamentos de *cyberbullying*, com o propósito de medir esta variável, a fim de conhecer a prevalência e incidência do fenómeno junto da amostra representativa de alunos de uma escola de Bragança.

Nesse âmbito, o *Questionário de Cyberbullying*, instrumento adaptado por Bento (2011) na sua dissertação de mestrado, com base nos questionários elaborados por Smith e colaboradores (2006) e por Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán (2007), foi o escolhido, uma vez que, dada a escassez de questionários e instrumentos de *cyberbullying* aferidos para a população portuguesa adolescente, o leque de opções revelou-se limitado. Assim, após uma análise pormenorizada dos questionários portugueses disponíveis, considerou-se que este seria o mais completo, dado que abrange uma pluralidade de questões que explora em detalhe várias vertentes do fenómeno.

Antes de mais, é de suma importância realizar um breve resumo das versões originais deste questionário. O *Questionário de Cyberbullying* teve como precursor o *Cuestionario Cyberbullying*, concebido por Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán em 2007, que, por sua vez, se inspiraram no questionário concebido por Smith, Mahdavi, Carvalho e Tippett (2006). A partir deste, impulsionaram três mudanças cruciais, nomeadamente a redução do número extenso de perguntas, de 94 para 37.

De acrescentar que o questionário traduzido para português, o qual vai ser aplicado, segue uma organização semelhante à definida pelos investigadores espanhóis, tendo sido realizadas algumas alterações por Bento (2011) para que se harmonizasse mais com a realidade portuguesa.

De um modo geral, as questões têm 4 a 8 opções de resposta. Contrariamente aos demais instrumentos aplicados, este não segue um formato de cotação linear, visto que a formulação das questões não tem estrutura similar. Assim, conforme a questão, atribuiu-se uma cotação em específico, que pode variar de 0 a 4 ou 0 a 7.

A par dos instrumentos estrangeiros, Bento (2011), adaptou uma pequena parte do questionário usado no estudo de Campos (2009), relativa às horas que os alunos gastam diariamente com a Internet e com o telemóvel. O leque de respostas delimitava-se entre 0h a + de 5 horas. Além disso, incorporou duas questões que se focam no conhecimento que detém sobre estratégias de segurança e se, com efeito, recorrem a elas quando necessário.

#### 1.4.4. Seção D – “Comportamentos Individuais”

Por último, a seção D, “Comportamentos Individuais”, abarca três instrumentos distintos, com o propósito fundamental de medir as variáveis *autoestima*, *impulsividade* e *sintomatologia psicopatológica*, i.e., testar as hipóteses 1, 2 e 3 do estudo, isto é, se são concretizáveis na prática.

Na seção D.1., para verificar se, de facto, os atores de *cyberbullying* apresentam níveis mais reduzidos de autoestima, recorreu-se à *Escala de Autoestima de Rosenberg* (RSES). O RSES é uma escala de tipo Likert, constituída por 10 itens. A sua cotação é efetuada de 1 a 5, em consonância com as cinco opções de resposta da escala.

Sendo que o presente estudo irá ser realizado em Portugal, recorrer-se-á a uma versão portuguesa deste instrumento, aferida para a população nacional em 2003, por Santos e Maia, e revisada por Santos, em 2008. Esta versão agrega igualmente os 10 itens da escala de origem, além de se reger pelo mesmo método de cotação e aplicação, tal como exposto acima. De sublinhar que a sua validação para o nosso país foi também promovida junto de uma amostra de adolescentes.

No caso específico das características psicométricas da versão portuguesa, Santos e Maia (2003) averiguaram que são bastante aceitáveis. Ao nível da consistência interna, o alfa de Cronbach alterna entre .86 e .92; apresentando, em paridade com o instrumento original, uma consistente estabilidade temporal, uma vez que o coeficiente de correlação se sustentou em .90. Já no que se refere à validade, aferiu-se que os resultados na RSES têm uma correlação positiva com outros constructos psicológicos, cuja relação é bem estreita – o autoconceito – mais concretamente a versão nacional da *Satisfaction With Life Scale* (Neto, 1993), e do Inventário Clínico de Autoconceito (Vaz Serra, 1986, cit. in Santos e Maia, 2003).

Na seção D.2., com a finalidade de asseverar se os indivíduos com taxas de impulsividade mais altas revelam uma maior predisposição para enveredar por condutas de *cyberbullying*, decidiu-se aplicar a *Escala de Impulsividade BIS – 11*, aferida para a população de adolescentes brasileiros por Diemen e colaboradores, em 2006, e adaptada/traduzida para a língua portuguesa por Silva (2012).

Apesar de a versão brasileira pautar por uma escala de Likert de 4 pontos, Silva (2012) optou por reestruturar o instrumento, adaptando-o para a uma escala de Likert de 5 pontos, não só para se harmonizar com as outras escalas usadas, mas também para ter por base uma análoga unidade de medida, para, desse modo, conseguir efetuar uma avaliação

de possíveis correlações entre as escalas. A sua cotação pode oscilar de um mínimo de 30 a um máximo de 120 pontos, o que significa que, quanto mais elevados os *scores*, maiores são os níveis de impulsividade do indivíduo.

No que se prende com a fidedignidade da escala consistência interna, foi averiguada a consistência da *BIS-11* na medição da impulsividade (alfa de Cronbach = .71). Por seu turno, no que diz respeito à validade, os resultados revelaram-se aceitáveis. Para exemplificar, apurou-se, através da comparação com o teste de esfericidade de Bartlett, um resultado estatisticamente significativo ( $\chi^2(435) = 997,984$ ;  $p < 0,001$ ), o que aponta para a existência de uma correlação entre as variáveis.

Na seção D.3., recorrer-se-á ao *Inventário de Sintomas Psicopatológicos*, aferido culturalmente para a população portuguesa por Canavarro (1999). A versão original, o *Brief Symptom Inventory*, foi concebida por L. Derogatis (1982). O BSI define-se, sucintamente, como um inventário de autorresposta.

O instrumento engloba, no total, 53 itens, e as respostas são fornecidas através de uma escala de Likert, classificada de 0 a 4. No que toca à sua administração, esta pode ser efetuada de forma individual ou coletiva, e pode ser aplicado à população em geral, independentemente da idade. Já no que se refere à cotação do BSI, dever-se-á proceder ao cálculo das pontuações globais das nove dimensões psicopatológicas, que se traduzem no somatório dos respetivos itens, dividido pela proporção de itens correspondente a essa dimensão (e.g., Somatização:  $1+4+3+2+1+0+1/7$ ). Por seu lado, o *Índice Geral de Sintomas* é obtido por meio da soma das pontuações de todos os itens e, em seguida, procede-se à sua divisão consoante o número total de respostas; o *Total de Sintomas Positivos* é calculado através da contabilização dos itens cuja resposta é positiva; e, por fim, o *Índice de Sintomas Positivos* é determinado por meio da divisão do somatório da totalidade de itens pelo *Total de Sintomas Positivos* (Canavarro, 1999). Assim, através da análise e interpretação dos índices globais, foi possível realizar uma avaliação do grau de sintomatologia psicopatológica manifestado pelos participantes do estudo.

Relativamente às qualidades psicométricas, a aferição para o nosso país, empreendida por Canavarro (1999) por meio de estrutura fatorial, culminou em resultados bastante satisfatórios. A consistência interna da escala foi assegurada, uma vez que as dimensões psicopatológicas exibem valores compreendidos entre .70 e .80, com exceção da *Ansiedade Fóbica* e do *Psicoticismo*, cujo *alfa de Cronbach* se revelou abaixo desse espaço intervalar. Para terminar, os procedimentos inerentes à validação do BSI a nível nacional seguiram a mesma linha adotada por Degoratis (1993), o que se repercutiu em

correlações positivas moderadas entre, por exemplo, o BSI e o BSIA e MHIA, instrumentos que medem o constructo da *ansiedade* (Canavarro, 1999).

### **1.5. Procedimento de Recolha de Dados**

O estudo alicerçou-se numa série de etapas cuidadosamente delineadas, com o propósito de assegurar uma estrutura coesa e planificada da investigação desde o início.

Na primeira fase, realizaram-se os pedidos de autorização obrigatórios e indispensáveis à aplicação deste estudo na prática. Assim sendo, efetuou-se o pedido através do *site* da DGE (Direção-Geral da Educação), por meio do preenchimento da *Ficha de inquérito* disponibilizada nesse mesmo *site*, com o intuito de solicitar a sua autorização para administrar o questionário em meio escolar, bem como a sua verificação da validade da investigação, ou seja, se cumpria os requisitos e critérios éticos e deontológicos mínimos e imprescindíveis à legitimidade do estudo (cf. Anexo I).

Antes de concederem a aprovação, um representante da DGE entrou em contacto por via telefónica, a fim de alertar para a necessidade de levar a cabo algumas alterações de suma importância no questionário elaborado para este estudo, as quais assentaram na remoção de algumas questões e itens de natureza sociodemográfica que poderiam comprometer o anonimato e confidencialidade dos participantes do estudo (e.g., data de nascimento, local de residência, entre outros). Tais modificações foram efetuadas em conjunto com o orientador do presente estudo.

Posto isto, procedeu-se ao envio de um novo pedido de autorização à DGE para a aplicação do inquérito em meio escolar, tendo-se anexado a versão revisada do questionário. Assim sendo, após a realização de uma nova análise e avaliação rigorosa do mesmo, a autorização foi, finalmente, concedida pelo Diretor-Geral da DGE.

Tendo sido cumprida esta etapa, destinou-se uma carta à Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, estabelecimento onde se pretendia administrar o questionário. Posteriormente, foi marcada uma reunião onde se discutiu, definiu e se acordou todos os procedimentos a seguir aquando da aplicação do questionário, nomeadamente os dias, horários e as turmas às quais seria administrado. A fim de facilitar a recolha de dados, a Diretora aconselhou a realização da publicação *online* do questionário na plataforma *Google Forms*. Com efeito, entrou-se em contato com os respetivos diretores das turmas que integraram a amostra, tendo-se fornecido uma explicação pormenorizada e esclarecedora acerca do estudo. De realçar que a confidencialidade e o anonimato do estudo foram assegurados a todas as entidades envolvidas, além de se ter facultado uma

cópia do questionário a cada uma delas, para que estas estivessem previamente inteiradas do seu conteúdo.

A par disso, solicitou-se aos diretores que enviassem aos encarregados de educação dos alunos selecionados um pedido de autorização para os seus educandos poderem participar no estudo, dada a sua menoridade, assente na assinatura de um termo de consentimento informado. A declaração enviada foi elaborada por nós, na qual se assegurou aos encarregados que a confidencialidade e anonimato dos seus filhos estavam salvaguardados. Assim, quando a totalidade dos alunos entregou as autorizações devidamente assinadas aos seus diretores de turma, que, por sua vez, entregaram à Diretora do Agrupamento, combinou-se com os mesmos uma data a fim de entregarem as mesmas e, com efeito, acordar com eles uma data que se harmonizasse e fosse compatível com a disponibilidade de ambas as partes para aplicar o questionário. De acrescentar que a totalidade dos encarregados de educação aos quais foi entregue o termo de consentimento informado (n=152) autorizaram os seus educandos a efetuarem o preenchimento do nosso questionário.

Concedidas todas as autorizações impreteríveis, encetou-se o processo de recolha de dados propriamente dito, o qual se realizou entre o início de fevereiro e o final de maio de 2016. De salientar que o processo de recolha de dados foi pautado por alguma morosidade, uma vez que ficou dependente da disponibilidade de cada um dos docentes para realizar a aplicação dos questionários.

Nesse sentido, ao invés de manualmente, como estava inicialmente previsto, os alunos efetuaram o preenchimento do questionário *online*, o que foi previamente acordado com os docentes da disciplina, a fim de que a sua aplicação fosse realizada em salas que proporcionassem o acesso a recursos tecnológicos e à Internet, onde se encontrava publicado o questionário.

Assim sendo, após a finalização do processo de recolha de dados, procedeu-se à análise e tratamento estatístico dos mesmos.

## **1.6. Procedimento de Análise de Dados**

A partir do *software*, i.e., programa de tratamento e análise de dados estatísticos *IBM SPSS Statistics 21(Statistical Package for the Social Sciences – Version 21)*. , procedeu-se à execução do tratamento e análise dos dados obtidos, com o objetivo central de testar a validade das hipóteses formuladas para este estudo.

Para começar, procedeu-se à realização de uma análise estatística descritiva, por meio de procedimentos que possibilitaram a descrição e análise de uma série de dados fulcrais, a qual será aprofundada no Capítulo III. Ao longo do processo de análise e tratamento de dados, recorreu-se igualmente a testes estatísticos correlacionais, mais concretamente o *Coefficiente de Correlação de Pearson (r)*, a fim de averiguar a existência de uma possível relação entre as diferentes variáveis que constituem o estudo, isto é, até que ponto a variação nos valores das variáveis independentes está associada à variação dos valores da variável dependente.

### **Capítulo III – Análise e Discussão dos Resultados**

#### **1. Análises Estatísticas Descritivas**

##### **1.1. Dados Sociodemográficos**

Em primeiro lugar, convém mencionar que foram respondidos cento e cinquenta e dois questionários (N=152), por parte de uma amostra constituída por alunos do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, mais concretamente três turmas por cada ano de escolaridade.

No que se refere à distribuição dos questionários por género, pode-se constatar uma representatividade equitativa de rapazes e raparigas, não se verificando uma diferença expressiva ao nível do número de alunos do sexo masculino (n=79, 52%) e feminino (n=73, 48%) que constituíram a amostra do estudo (cf. Tabela 1, Anexo VIII).

Ao nível da distribuição dos questionários por ano de escolaridade, averigua-se igualmente uma representação bastante homogéneas dos alunos provenientes dos três anos de escolaridade em foco, não diferindo de forma indicativa entre si, uma vez que 32,9% (n=50) dos alunos pertenciam ao 7º ano, 36,2% (n=55) integravam o 8º ano e, por fim, 30,9% (n=47) encontravam-se a frequentar o 9º ano, à data do final da aplicação dos questionários (cf. Tabela 2, Anexo VIII).

No que concerne à distribuição dos questionários por idade, é possível aferir a ocorrência de um maior número de percentagem de respostas por parte de alunos com 14 anos (n=45; 29,6%), seguido de forma relativamente próxima dos estudantes com a idade de 15 anos (n=34; 22,4%), com a idade de 12 anos (n=31; 20,4%) e com a idade de 13 anos (n=28; 18,4%). Relativamente aos alunos com 16 (n=12; 7,9%) e 17 anos (n=1; 0,7%), a sua representatividade na amostra é consideravelmente menor, o que pode ser



explicado pelo facto de estes estudantes terem, possivelmente, ficado retidos nestes anos de escolaridade, dado que a faixa etária que integra comumente o 3º ciclo do ensino básico se situa entre os 12 e os 15 anos (Ventura, 2011), o que também se verificou neste estudo, uma vez que 91,4% dos inquiridos afirmaram ter idades compreendidas entre as idades acima mencionadas (cf. Tabela 3, Anexo VIII).

## **1.2. Hábitos dos jovens do 3º ciclo relativamente à utilização das TIC**

No que concerne às respostas relativas às questões *C.1. Tens telemóvel?* (cf. Tabela 4, Anexo VIII) e *C.2. Tens acesso à Internet em casa?* (cf. Tabela 5, Anexo VIII), pode-se constatar que a totalidade dos alunos inquiridos (n=152; 100%) respondeu afirmativamente a ambas as questões, o que significa que todos possuem telemóvel e têm acessibilidade à Internet. Em conformidade com o estudo de Maia e colaboradores (2015), estes resultados não são surpreendentes, uma vez que, segundo estes autores, os jovens acedem cada vez mais precocemente às tecnologias digitais.

Relativamente ao tempo despendido com o telemóvel (cf. Tabela 6, Anexo VIII), aproximadamente metade dos inquiridos (50,7%) utiliza-o durante 5h ou mais, e 38,8% usa este dispositivo entre 3 a 5h, o que significa que uma parte sobremaneira expressiva da amostra utiliza de forma assídua esta ferramenta. Por sua vez, 9,2% utiliza o telemóvel ao longo de 1 a 3 horas e apenas 1,3% recorre a este durante menos de uma hora. No que concerne ao computador, 51,3% avalia a sua capacidade para a utilização deste dispositivo como “boa”, enquanto que uma percentagem bastante significativa (42,8%) classifica a sua habilidade com esta tecnologia como “excelente” (cf. Tabela 7, Anexo VIII). Assim, podemos asseverar que a maioria dos inquiridos considera as suas habilidades com o computador elevadas ou até acima da média, em contraponto ao reduzido número de jovens que encara as suas competências como “razoáveis”, o que se encontra em consonância com os resultados obtidos por Maia e colaboradores (2015). Destaque-se ainda que uma parte significativa da amostra (77,6%) admitiu que se encontra na Internet durante 5 horas ou mais, enquanto que 21,1% usa esta ferramenta entre 3 a 5 horas e 1,3% entre 1 a 3 horas (cf. Tabela 8, Anexo VIII). Contudo, é curioso destacar que nenhum dos alunos referiu que somente utilizava a Internet menos de 1 hora por dia, constatando-se que a imensa importância que os dispositivos tecnológicos assumem na vida e no quotidiano destes jovens, dedicando um considerável período do seu tempo a navegar na Internet, tal como Yang e colaboradores (2014, cit. in Maia et al., 2015) averiguaram no seu estudo.

Neste seguimento, relativamente às preferências evidenciadas pelos jovens ao nível das ferramentas disponíveis online (e.g. jogos online, salas de chat, MSN, etc.), destacam-se, em larga medida, as redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, etc.), uma vez que mais de metade dos inquiridos (56,6%) assumiu que usa as mesmas num período de tempo compreendido entre 3 a 5 horas, a par de 34,4% que referiu que se encontra nas redes sociais durante mais de 5 horas (cf. Tabela 9, Anexo VIII). Em complemento a estes resultados, uma percentagem bastante expressiva (58,6%) admitiu que conversa *online* com pessoas conhecidas entre 3 a 5 horas, a par de 28,3% de jovens que o efetua durante um período que ultrapassa as 5 horas, sendo um valor relativamente elevado (cf. Tabela 10, Anexo VIII).

Por sua vez, é importante destacar que uma grande proporção dos inquiridos (61,2%) referiu que não entra em conversações *online* com desconhecidos, embora seja importante ter em atenção a percentagem de alunos que, em oposição aos primeiros, revelou que o efetua durante 1 a 3 horas por dia (22,4%) (cf. Tabela 11, Anexo VIII).

Nesta sequência, no que diz respeito à questão referente ao conhecimento de estratégias de segurança de Internet, apesar de uma percentagem bastante elevada (80,3%) assegurar que “*sim*”, 28 inquiridos (18,4%) negou tal conhecimento, sendo uma percentagem relativamente próxima à proporção de estudantes que admitiu conversar *online* com desconhecidos (22,4%) (cf. Tabela 12, Anexo VIII)

### **1.3. Vitimização e Perpetração de Cyberbullying**

Tal como se verifica nos casos de *bullying*, um fenómeno que, atendendo às respostas dos inquiridos, se encontra bastante presente nesse meio escolar de Bragança, constata-se que o *cyberbullying* é também uma realidade nesta comunidade, uma vez que 39,5% dos jovens respondeu que tem conhecimento de, pelo menos, um ou dois episódios de *cyberbullying*, seguido de 33,6% de alunos que partilharam que o cyberbullying é perpetuado uma vez por semana, um valor que pode ser considerado bastante expressivo, aliando aos 9,9% de estudantes que aludiram para uma prática semanal assídua do fenómeno. Na nossa perspetiva, pode-se apurar, de acordo com os nossos resultados, que os estudantes que compuseram a amostra do estudo têm uma noção, pelo menos, mínima ou razoável do significado do *cyberbullying*, o que, sendo uma problemática que, somente num período relativamente recente, começou a ser estudada de forma mais aprofundada por investigadores e divulgada pelos meios de comunicação social (Pinheiro, 2009; Freire,

Alves, Breia, Conceição, & Fragoso, 2013), consideramos de suma relevância dar relevo, uma vez que pode constituir um dado que reflete a disseminação deste fenómeno numa comunidade escolar de Trás-os-Montes, região da qual se desconhece o impacto e preponderância do *cyberbullying*. Em contraposição, 17,1% aludiu que nunca ocorreram episódios de *cyberbullying* na sua escola (cf. Tabela 13, Anexo VIII).

Primeiramente, quando inquiridos se o **cyberbullying por telemóvel**, em comparação com o *bullying* tradicional, exerce um menor, igual ou maior efeito nas cyber-vítimas, não se denotam discrepâncias indicativas ao nível das respostas fornecidas, sendo que a percentagem de alunos que se destaca (38,8%) considera que o cyberbullying por telemóvel se reflete em sequelas proporcionais ao bullying tradicional. Em contraste, 30,9% dos estudantes acredita que o cyberbullying por esta via tem um impacto mais forte comparativamente ao exercido pelo bullying e, por sua vez, na perspetiva de 28,9% da amostra, o bullying tem consequências mais prejudiciais, comparativamente ao cyberbullying por telemóvel (cf. Tabela 14, Anexo VIII).

Neste âmbito, avancemos para os resultados respeitantes à prática e vitimização de **cyberbullying por telemóvel**. No caso concreto deste último, é possível averiguar que, tal como era esperado, predomina o número de jovens não-vítimas deste fenómeno (76,3%). No entanto, 18,4% dos sujeitos, correspondente a um total de 26 alunos, partilhou que foi vítima de *cyberbullying* por via telemóvel em, pelo menos, dois momentos, 3,3% uma vez por semana e 2,0% foi vítima com regularidade numa série de ocasiões durante o período semanal, constituindo, assim, um indicativo da presença desta problemática na comunidade estudantil em estudo (cf. Tabela 15, Anexo VIII).

Neste seguimento, face à questão “*Quem é que pratica cyberbullying contra ti, através do telemóvel?*”, destacam-se as respostas, embora com valores pouco expressivos, “*um grupo de rapazes e de raparigas*” e “*não sei quem pratica cyberbullying contra mim*” (7,2%). Por seu lado, 4,6% alunos que se descreveram como cyber-vítimas atribuíram o exercício de ações de cyberbullying contra si a “*principalmente um rapaz*”, 3,3% a “*principalmente a uma rapariga*” e, finalmente, 1,3% a “*um grupo de rapazes*” (cf. Tabela 16, Anexo VIII).

No que concerne ao tempo de duração das práticas de cyberbullying através do telemóvel, 15,1% das cyber-vítimas respondeu que duraram “*duas ou três semanas*”, 5,9% “*uma vez por semana*” e 2,0% “*várias vezes por semana*”. Relativamente às atitudes e ações desenvolvidas após a vitimização, sendo que os alunos tinham a possibilidade de assinalar mais do que uma opção, 21,1% respondeu que pedia ao cyber-bullie que

*“parasse, também através do telemóvel”*, 15.1% admitiu que empreendeu tentativas ou colocou em prática ações de retaliação. Por outro lado, 2,6% optou por *“ignorar o que se passava”* e somente 4,6% partilhou o sucedido com os pais e 2% com os amigos (cf. Tabela 16, Anexo VIII), encontrando-se estes dados em consonância com as conclusões efetuadas por investigadores da área (Arsène, 2013; Maia et al., 2015), no sentido em que as cyber-vítimas revelam uma propensão para não revelar os episódios de cybervitimização às figuras mais próximas, cujos motivos podem assentar em sentimentos de incompreensão ou insegurança perante as competências das mesmas para lhes facultar o apoio necessário para combater o fenómeno.

Por outro lado, relativamente à **perpetração de cyberbullying por telemóvel**, os dados apontam para um cenário menos preocupante, comparativamente ao número de *cyber-vítimas*. Contudo, 9,2% dos estudantes admitiu que praticou atos de cyberbullying em uma ou duas ocasiões, 4,4% uma vez por semana e, por fim, 3,9% várias vezes por semana (cf. Tabela 17, Anexo VIII). Em conformidade com as respostas das cyber-vítimas, os cyber-bullies também se referiram aos SMS (16,8%) e aos MMS (15,4%) como os meios mais utilizados para praticar cyberbullying pelo telemóvel.

Para além do telemóvel, os sujeitos da amostra foram também questionados acerca do **cyberbullying através da Internet**. No que diz respeito à questão relativa ao número de vezes que foi vítima por meio da Internet, não se aferiu a existência de diferenças expressivas em relação à vitimização pelo telemóvel, uma vez que se verifica uma similaridade ao nível das respostas. Mais especificamente, 15,8% partilhou que foi apenas uma ou duas vezes vítima de cyberbullying por via Internet, 5,9% uma vez por semana e 2,0% várias vezes por semana (cf. Tabela 18, Anexo VIII)

Por seu turno, na questão referente à comparação do cyberbullying pela Internet com o bullying tradicional, os resultados diferem em relação ao cyberbullying por telemóvel, na medida em que o número de alunos que consideram que a prática de cyberbullying pela Internet é mais nefasta do que o bullying é superior (43,4%). Por seu lado, na opinião de 30,3% dos jovens da amostra, o cyberbullying por Internet tem o mesmo efeito na cybervítima e, no ponto de vista de 26,3% dos sujeitos, o bullying é mais nocivo, comparativamente à prática de cyberbullying por via Internet (cf. Tabela 19, Anexo VIII).

No que se refere às pessoas/grupos referidos como maiores perpetradores de cyberbullying, evidenciam-se, tal como no caso do cyberbullying por telemóvel, o grupo de rapazes e raparigas (7,9%), a par de *“Não sei”*, o que significa que 8,6% das cyber-

vítimas desconhecem a entidade do cyber-bullie. Por seu lado, 3,3% mencionou que foi “*principalmente uma rapariga*” a responsável pelos atos de cyberbullying praticados contra si, 2,6% um “*grupo de raparigas*” e, por fim, 0,7% quer para um “*grupo de rapazes*”, quer “*principalmente um rapaz*” (cf. Tabela 20, Anexo VIII). Em relação à duração das práticas online contra si, 15,1% das cyber-vítimas apontou que se prolongaram por duas a três semanas, 7,2% perduraram por mais de seis meses, *o que é um valor relativamente preocupante*, enquanto que 1,3% ocorreram num período inferior a seis meses (cf. Tabela 20, Anexo VIII).

Neste seguimento, as ações levadas a cabo pelas cyber-vítimas de Internet, na sequência dos atos de cyberbullying infligidos, foram, essencialmente, pedir ao cyber-bullie que cessasse o exercício de cyberbullying contra si (20,4%), enveredar por tentativas ou ações de retaliação contra o perpetrador (17,1%), sair da página/site em questão (e.g., redes sociais, salas de chat, etc.) e optar pela realização de outras atividades no computador (11,8%). Em contraposição, somente 5,3% dos jovens partilhou o sucedido com os amigos e 1,3% com os pais, em similitude com as cyber-vítimas por telemóvel. De acrescentar que, de acordo com as cyber-vítimas, os meios preferenciais dos cyber-bullies para a perpetração de cyberbullying pela Internet são as redes sociais (23,8%), salas de chat (9,9%), programas de conversação (7,3%), e e-mail (6,0%).

No que diz respeito ao caso da **perpetração de cyberbullying pela Internet**, afigura-se um cenário bastante similar em comparação com os dados relativos à perpetração por telemóvel. Mais concretamente, 8,6% dos alunos assumiu ter praticado cyberbullying, pelo menos, em duas circunstâncias, 4,6% várias vezes por semana e 3,9% uma vez por semana. Em conformidade com as respostas das cyber-vítimas, os cyber-bullies também enfatizam as redes sociais como o meio mais usado para o exercício de cyberbullying (17,2%), a par das salas de chat e programas de conversação (9,3%), e do e-mail (4,6%) (cf. Tabela 21, Anexo VIII)

Por último, estes dados mostram-se relativamente similares aos resultados obtidos por autores portugueses (Almeida et al., 2008; Amado, Matos e Pessoa, 2009; Matos et al., 2010; Freire, Alves, Breia, Conceição e Fragoso, 2013) que têm realizado estudos sobre esta problemática em escolas nacionais, que, embora, de uma forma geral, não sejam valores demasiado expressivos, são indicativos da ocorrência e repercussão do cyberbullying em Portugal.

## 2. Análises Estatísticas Correlacionais<sup>1</sup>

### 2.1. Cyberbullying e Bullying

Primeiramente, através de uma análise estatística correlacional (*coeficiente de correlação de Pearson (r)*), aferiu-se que a vitimização de cyberbullying pelo telemóvel tem uma relação positiva moderada com a vitimização por bullying ( $r=.591$ ;  $p=.000$ ), assim como a vitimização de cyberbullying pela Internet, que revela uma associação positiva alta com a vitimização por bullying ( $r=.728$ ;  $p=0.000$ ). Por sua vez, a vitimização por bullying, embora não se verifique uma relação estatisticamente significativa com a perpetração de cyberbullying pelo telemóvel, revela ter uma associação positiva, apesar de muito baixa, com a perpetração de cyberbullying pela Internet ( $r=.168$ ;  $p=.039$ ). Além disso, foi possível apurar uma associação positiva baixa entre ser praticante de bullying e ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel ( $r=.349$ ;  $p=.000$ ), bem como uma relação positiva moderada entre a prática de bullying e a perpetração de cyberbullying pela Internet ( $r=.431$ ;  $p=.000$ ).

Neste sentido, pode-se concluir que, neste estudo em particular, asseverou-se que os fenómenos do bullying e cyberbullying têm uma relação intrínseca, o que se coaduna com os resultados de vários investigadores da área (Kowalski, Limber e Agaston, 2008; Arsène & Raynaud, 2014; Carson, 2014), os quais afirmam que, não só o cyberbullying pode advir como uma extensão do exercício de bullying, como também existe a forte probabilidade de as vítimas de bullying enveredarem pela retaliação contra os seus agressores através do cyberbullying, à semelhança do que se verificou no nosso estudo.

Não obstante, aferiu-se a existência de uma relação positiva muito baixa entre ser vítima de cyberbullying pelo telemóvel e ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel ( $r=.196$ ;  $p=.016$ ), e entre ser vítima de cyberbullying pela Internet e ser perpetrador de cyberbullying pela Internet ( $r=.168$ ;  $p=.000$ ), o que indica que um número específico de cyber-vítimas recorreu à retaliação como forma de reação aos atos de cyberbullying infligidos, tornando-se assim, não só cyber-vítimas mas também cyber-bullies. Conforme Fegenbush & Olivier, 2009 (cit. in Bento, 2011), as vítimas de cyberbullying, movidas pela necessidade de se vingar devido às contínuas ofensas e intimidações que tem sofrido, recorrem aos mesmos métodos dos seus cyber-agressores.

---

<sup>1</sup> Devido ao espaço que ocupavam as matrizes de correlações referentes a estas análises estatísticas, optou-se por colocá-los nos CD's, onde se encontra a versão pdf da Dissertação de Mestrado.

Por seu lado, averiguou-se que há uma relação positiva moderada entre a vitimização de cyberbullying por telemóvel e a perpetração de cyberbullying pela Internet ( $r=.588$ ;  $p=.000$ ). Por fim, aferiu-se ainda que ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel se relaciona positiva e fortemente com a perpetração de cyberbullying pela Internet ( $r=.822$ ;  $p=.000$ ).

Através da realização de uma análise estatística de correlação de Pearson, verificou-se se existe uma associação positiva entre uma utilização elevada do telemóvel, internet e outros dispositivos online (e.g., Redes Sociais, MSN, etc.) e a vitimização e perpetração de cyberbullying por esses dispositivos. Conforme os resultados obtidos, apurou-se que, no que concerne à vitimização, há uma relação positiva, apesar de muito reduzida e/ou baixa, entre ser vítima de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet e um número elevado de horas dedicado ao telemóvel ( $r=.173$ ;  $p=.033^2$ ); à Internet ( $r=.232$ ;  $p=.004$  e  $r=.194$ ;  $p=.017$ ); a ferramentas como o Skype ou salas de chat ( $r=.198$ ;  $p=.014$  e  $r=.225$ ;  $p=.005$ ); e às redes sociais ( $r=.218$ ;  $p=.007$  e  $r=.214$ ;  $p=.008$ ). Por sua vez, averiguou-se a existência de uma associação positiva, embora baixa, entre ser vítima de cyberbullying pelo telemóvel e Internet e um maior número de horas a conversar com desconhecidos ( $r=.213$ ;  $p=.008$  e  $r=.271$ ;  $p=.001$ ). No caso específico da prática de cyberbullying, aferiram-se uma relação positiva baixa entre ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet e um número elevado de horas dedicado ao telemóvel ( $r=.280$ ;  $p=.000$  e  $r=.224$ ;  $p=.005$ ), à Internet ( $r=.214$ ;  $p=.008$  e  $r=.209$ ;  $p=.010$ ); a ferramentas como o Skype ou salas de chat ( $r=.207$ ;  $p=.011^3$ ); e às redes sociais ( $r=.280$ ;  $p=.000$  e  $r=.317$ ;  $p=.000$ ). Em complemento, verificou-se que existe uma relação positiva, apesar de baixa, entre ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet e um maior número de horas a conversar com amigos ( $r=.301$ ;  $p=.000$  e  $r=.307$ ;  $p=.001$ ) e uma associação positiva moderada com um maior número de horas a conversar com desconhecidos ( $r=.509$ ;  $p=.000$  e  $r=.529$ ;  $p=.000$ ).

Assim sendo, estes resultados estão em conformidade com os estudos de autores como Ybarra & Mitchell (2004), Amado, Matos e Pessoa (2009) ou Maia e colaboradores (2015), os quais averiguaram que, quanto mais assíduo é o uso de dispositivos tecnológicos como o telemóvel e a Internet, maior é a vulnerabilidade dos adolescentes aos riscos associados à sua utilização regular, nomeadamente a exposição e/ou envolvimento com o cyberbullying.

---

<sup>2</sup> Dados referentes apenas à relação entre ser vítima de cyberbullying pelo telemóvel e o número de horas no telemóvel.

<sup>3</sup> Dados referentes apenas à relação entre ser perpetrador de cyberbullying pela Internet e o número de horas no Skype ou salas de chat.

## 2.2. Hipóteses de Investigação

**H1:** *Os adolescentes envolvidos no cyberbullying, quer vítimas quer perpetradores, manifestam níveis de autoestima mais reduzidos do que aqueles que nunca experienciaram este tipo de agressão cibernética.*

Após ser submetida a uma análise estatística correlacional, pudemos constatar que a hipótese 1 foi confirmada parcialmente. Por um lado, os adolescentes que revelaram ter sido vítimas de cyberbullying, seja pelo telemóvel, seja pela Internet, evidenciam índices de autoestima consideravelmente mais baixos, em comparação com os jovens não-vítimas deste fenómeno, o que se coaduna com os resultados obtidos por autores como Patchin e Hinduja (2006, 2008, 2010) nos estudos realizados sobre esta mesma temática. Mais concretamente, foi encontrada uma associação positiva moderada entre ser vítima de cyberbullying por telemóvel e pela Internet e as afirmações de autoestima de conotação negativa da Escala de Autoestima de Rosenberg, nomeadamente<sup>4</sup>: *Tenho tendência a sentir que sou um(a) fracassado(a) em tudo* ( $r=.469$ ;  $p=.000$  e  $r=.575$ ;  $p=.000$ ); *Acho que não tenho muitos motivos para me orgulhar de mim mesmo(a)* ( $r=.491$ ;  $p=.000$  e  $r=.540$ ;  $p=.000$ ); *Gostaria de ter mais respeito por mim mesmo(a)* ( $r=.541$ ;  $p=.000$  e  $r=.540$ ;  $p=.000$ ); *Às vezes sinto-me realmente um inútil* ( $r=.532$ ;  $p=.000$  e  $r=.578$ ;  $p=.000$ ); *Às vezes sinto que sou um(a) falhado(a)* ( $r=.532$ ;  $p=.000$  e  $r=.578$ ;  $p=.000$ ). Em consonância com estes valores, verifica-se uma relação negativa baixa e/ou moderada com as afirmações de autoestima de natureza positiva da escala, designadamente: *Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a)* ( $r= -.582$ ;  $p=.000$  e  $r= -.680$ ;  $p=.000$ ); *Acho que tenho muitas qualidades boas* ( $r= -.518$ ;  $p=.000$  e  $r= -.688$ ;  $p=.000$ ); *Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das outras pessoas* ( $r= -.341$ ;  $p=.000$  e  $r= -.521$ ;  $p=.000$ ); *Tenho uma atitude positiva perante mim mesmo(a)* ( $r= -.612$ ;  $p=.000$  e  $r= -.678$ ;  $p=.000$ ); *No geral estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)* ( $r= -.590$ ;  $p=.000$  e  $r= -.679$ ;  $p=.000$ ).

Por outro lado, os jovens que admitiram ter praticado atos de cyberbullying não manifestaram níveis de autoestima reduzidos, não tendo sido apuradas associações

---

<sup>4</sup> A fim de evitar repetições dos nomes dos itens, organizou-se a disposição dos dados da seguinte forma: por cada itens, estão indicados, em primeiro lugar, os valores de  $r$  e  $p$ . da associação com a vitimização de cyberbullying pelo telemóvel, seguido dos valores respetivos à relação com a vitimização de cyberbullying pela Internet (e.g., *Acho que tenho muitas qualidades boas* ( $r=0.774$ ;  $p=0.000$  e  $r=0.821$ ;  $p=0.000$ )). Nas restantes hipóteses, optou-se por uma estrutura similar, variando ligeiramente conforme os resultados obtidos para cada uma delas.



significativas entre ambas as variáveis (cf. Anexos). De acordo com Patchin e Hinduja (2010) e Hines (2011), a associação entre ser perpetrador de *cyberbullying* e uma baixa-autoestima é consideravelmente menos significativa, ao passo que a autoestima das vítimas tende a ser mais prejudicada, à semelhança do que sucedeu neste estudo.

**H2:** *Os perpetradores de cyberbullying revelam níveis de impulsividade mais expressivos do que os alunos que nunca praticaram este comportamento.*

No que concerne à segunda hipótese do estudo, podemos afirmar que esta foi confirmada, na medida em que, após a realização de uma análise estatística alicerçada no coeficiente de correlação de Pearson ( $r$ ), concluiu-se que os jovens cyber-bullies manifestam índices de impulsividade mais elevados, em comparação com os jovens que não enveredaram por esta prática. Estes resultados encontram-se em conformidade com os estudos de autores como Vargas, Tallers, Parris e Cutt (2010), Floros, Siomos, Fisoun, Dafouli e Geroukalis (2011), e Arsène (2013), na medida em que asseveraram que os cyber-bullies revelam uma predisposição para apresentar um défice ao nível do controlo de impulsos, uma forte necessidade de enveredar por comportamentos de risco, encontrando, por isso, na prática de *cyberbullying* um meio para encontrar novas e ousadas sensações prazerosas, dado o elevado perigo que este fenómeno acarreta.

Relativamente aos dados obtidos, apesar de não serem, no geral, valores muito expressivos, é importante destacar a relação positiva baixa ou muito fraca existente entre ser perpetrador de *cyberbullying*, tanto pelo telemóvel como pela Internet, com os itens da Escala de Impulsividade BIS – 11 (Diemen et al., 2006) que expressam atitudes e comportamentos de carácter impulsivo, tais como: *eu faço coisas sem pensar* ( $r=.323$ ;  $p=.000$  e  $r=.355$ ;  $p=.000$ ); *eu sou despreocupado, “cabeça no ar”* ( $r=.261$ ;  $p=.001$  e  $r=.268$ ;  $p=.000$ ); *os meus pensamentos são rápidos* ( $r=.387$ ;  $p=.000$  e  $r=.419$ ;  $p=.000$ ); *para mim é difícil ficar sentado por muito tempo* ( $r=.173$ ;  $p=.033$  e  $r=.169$ ;  $p=.037$ ); *eu digo coisas sem pensar* ( $r=.269$ ;  $p=.001$  e  $r=.323$ ;  $p=.000$ ); *eu gosto de pensar sobre problemas complicados* ( $r=.252$ ;  $p=.002$  e  $r=.343$ ;  $p=.000$ ); *eu ajo por impulso* ( $r=.300$ ;  $p=.001$  e  $r=.360$ ;  $p=.000$ ); *eu faço as coisas no momento em que penso* ( $r=.225$ ;  $p=.008$  e  $r=.244$ ;  $p=.002$ ); *eu caminho e movimento-me rápido* ( $r=.257$ ;  $p=.001$  e  $r=.275$ ;  $p=.000$ ) enquanto estou a pensar numa coisa, é comum que outras ideias me venham à cabeça ao mesmo tempo ( $r=.213$ ;  $p=.008$  e  $r=.228$ ;  $p=.005$ ); *a mim interessa-me mais o presente do que o futuro* ( $r=.367$ ;  $p=.001$  e  $r=.344$ ;  $p=.000$ ); *eu fico inquieto nas aulas* ( $r=.375$ ;  $p=.001$  e  $r=.377$ ;  $p=.000$ ). É também importante destacar a associação positiva moderada existente

entre ser praticante de cyberbullying pelo telemóvel e Internet com o item *eu falo rápido* ( $r=.491$ ;  $p=.001$  e  $r=.433$ ;  $p=.000$ ).

Por seu turno, através da análise destes resultados, foi possível aferir que há uma correlação negativa baixa ou muito reduzida entre ser cyber-bullie e os itens relativos a condutas de cariz mais ponderado, nomeadamente: *eu planeio as minhas atividades com cuidado*, ( $r= -.213$ ;  $p=.008$  e  $r= -.242$ ;  $p=.003$ ); *eu planeio as minhas saídas ou passeios com antecedência* ( $r= -.186$ ;  $p=.000^5$ ); *eu sou uma pessoa controlada* ( $r= -.240$ ;  $p=.003$  e  $r= -.207$ ;  $p=.011$ ); *eu tenho facilidade em poupar dinheiro* ( $r= -.268$ ;  $p=.001$  e  $r= -.238$ ;  $p=.003$ ); *eu costumo pensar com cuidado em tudo* ( $r= -.225$ ;  $p=.005^6$ ); *eu quero ter um trabalho fixo para poder pagar as minhas despesas* ( $r= -.183$ ;  $p=.024^7$ ); *eu cuido-me para não ficar doente* ( $r= -.227$ ;  $p=.001$  e  $r= -.270$ ;  $p=.003$ ); *eu faço planos para o futuro* ( $r= -.240$ ;  $p=.003$  e  $r= -.196$ ;  $p=.015$ ), excetuando com a afirmação *Eu gosto de pensar sobre problemas complicados*, ( $r=.252$ ;  $p=.004$  e  $r=.343$ ;  $p=.000$ ) com a qual se associa positivamente, embora de forma baixa, e *eu termino o que começo* ( $r=.162$ ;  $p=.046^8$ ), cuja relação é positiva, apesar de bastante reduzida.

De um modo geral, estes resultados significam que, quanto maior a propensão dos cyber-bullies para enveredar por atos impulsivos, menor é a tendência para assumir atitudes de carácter mais prudente.

**H3:** *Os sujeitos vitimizados ou que se envolveram em atos de cyberbullying apresentam níveis de sintomatologia psicopatológica mais significativos do que aqueles que não foram vitimizados ou enveredaram por esta conduta.*

No que diz respeito à terceira hipótese do estudo, após ser submetida a uma análise estatística correlacional, verificou-se que esta foi confirmada na sua totalidade, na medida em que, efetivamente, quer os jovens cyber-vítimas quer os cyber-bullies, seja pelo telemóvel, seja pela Internet, manifestam sintomas de natureza psicológica mais elevados, comparativamente àqueles que nunca conviveram com este fenómeno, se bem que os jovens que foram vítimas de cyberbullying por ambas as vias revelem, de uma forma geral, níveis de sintomas psicopatológicos ligeiramente superiores, comparativamente aos perpetradores deste comportamento. Ou seja, quanto maior o envolvimento e o contacto com o cyberbullying, maior é a propensão para o desenvolvimento e aparecimentos de

---

<sup>5</sup> Referente apenas à relação com ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Referente apenas à relação com ser perpetrador de cyberbullying pela Internet.

sintomatologia psicopatológica. De ressaltar que, com a exceção da *Hostilidade*, as vítimas de cyberbullying quer por telemóvel quer por Internet evidenciaram valores superiores no que se refere a cada uma das dimensões do Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1999), com a exceção da *Hostilidade*, na qual os perpetradores de cyberbullying apresentaram níveis mais elevados.

Neste âmbito, averiguou-se a existência de associações positivas baixas, moderadas e altas estatisticamente significativas entre ser vítima de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet/ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet, e os seguintes itens do Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1999)<sup>9</sup>: *nervosismo ou tensão interior* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.446$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.514$ ;  $p=.000$ ); *teres a impressão que as outras pessoas podem controlar os teus pensamentos* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.495$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.620$ ;  $p=.000$ ); *teres a ideia que os outros são culpados pela maioria dos teus problemas* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.529$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.519$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.384$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.374$ ;  $p=.000$ ); *sentires que não podes confiar na maioria das pessoas* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.547$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.566$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.325$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.343$ ;  $p=.000$ ); *tens impulsos que não consegues controlar* (cyber-bullie telemóvel:  $r=.615$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.634$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te sozinho mesmo quando estás com mais pessoas* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.559$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.594$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.257$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.235$ ;  $p=.000$ ); *dificuldade em fazer qualquer trabalho* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.448$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.438$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te triste* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.681$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.701$ ;  $p=.000$ ); *não ter interesse por nada* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.285$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.430$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te assustado* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.597$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.745$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te facilmente ofendido nos teus sentimentos* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.479$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.445$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.572$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.545$ ;  $p=.000$ ); *sentires que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de ti* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.618$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.765$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te inferior aos outros* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.598$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.696$ ;  $p=.000$ ); *impressão de que os outros te costumam observar ou falar de ti*

---

<sup>9</sup> Disposição dos dados conforme as associações verificadas na Matriz de Correlações (cf. Anexos).

*pelas costas* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.453$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.574$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.296$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.303$ ;  $p=.000$ ); *dificuldade em adormecer* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.425$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.495$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.390$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.408$ ;  $p=.000$ ); *calafrios ou ansiedade constante* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.274$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.522$ ;  $p=.000$ ); *teres dificuldade em te concentrares* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.559$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.588$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.250$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.245$ ;  $p=.002$ ); *sentires-te em estado de tensão ou aflição* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.373$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.361$ ;  $p=.000$ ); *teres impulsos de bater, ofender ou ferir alguém* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.464$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.390$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.418$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.416$ ;  $p=.000$ ); *teres vontade de destruir ou partir coisas* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.457$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.421$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.441$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.511$ ;  $p=.000$ ); *grande dificuldade em sentires-te “próximo” de outra pessoa* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.373$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.361$ ;  $p=.000$ ); *entrares facilmente em discussão com alguém* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.253$ ;  $p=.002$  e cyber-vítima Internet:  $r=.321$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.367$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.395$ ;  $p=.000$ ); *sentires que as outras pessoas não dão o devido valor ao teu esforço ou capacidades* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.451$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.477$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.560$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.598$ ;  $p=.000$ ); *sentires-te tão agitado que não consegues manter-te sentado quieto* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.350$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.316$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.519$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.531$ ;  $p=.000$ ); *sentires que não tens valor* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.390$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.448$ ;  $p=.000$ ); *teres a impressão de que, se deixasses, as outras pessoas aproveitar-se-iam de ti* (cyber-vítima telemóvel:  $r=.396$ ;  $p=.000$  e cyber-vítima Internet:  $r=.443$ ;  $p=.000$ /cyber-bullie telemóvel:  $r=.442$ ;  $p=.000$  e cyber-bullie Internet:  $r=.510$ ;  $p=.000$ ).

Assim sendo, os dados obtidos encontram-se em conformidade com os estudos de autores como Arsène e Raynaud (2014), os quais averiguaram que não só as cyber-vítimas, mas também os cyber-bullies revelam uma predisposição mais elevada para o desenvolvimento de défices de natureza psicopatológica. De acordo com Patchin & Hinduja (2006), no caso particular das vítimas de cyberbullying, estas tendem a manifestar

níveis acentuados de problemas como a depressão e ansiedade, devido à intensidade do sofrimento e humilhação causada pelos atos de cyberbullying infligidos.

Relativamente aos cyber-bullies, tal como no nosso estudo, Bento (2011) asseverou que estes também evidenciam sintomas de ordem psicopatológica, em particular ao nível de dimensões como a *Hostilidade*, na qual, no caso dos praticantes de cyberbullying pelo telemóvel, se destacou como a dimensão com valores mais significativos.

**H4:** *As vítimas e perpetradores de cyberbullying apresentam taxas de envolvimento mais elevadas em outros comportamentos antissociais do que os adolescentes que nunca contactaram com este fenómeno.*

Mais concretamente, para analisar esta hipótese, recorreu-se a uma análise estatística correlacional (*coeficiente de correlação de Pearson (r)*). Pela análise dos dados obtidos, que esta hipótese foi confirmada parcialmente.

Desse modo, apurou-se a existência de uma associação positiva moderada e/ou positiva forte entre ser perpetrador de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet<sup>10</sup> e uma série de comportamentos de carácter antissocial, tais como: *ter falta disciplinar* ( $r=.774$ ;  $p=.000$  e  $r=.821$ ;  $p=0.000$ ), *insultar um professor ou funcionário da escola* ( $r=.667$ ;  $p=.000$  e  $r=.740$ ;  $p=.000$ ); *andar à porrada na escola* ( $r=.784$ ;  $p=.000$  e  $r=.857$ ;  $p=.000$ ); *passar a noite fora de casa sem autorização* ( $r=.740$ ;  $p=.000$  e  $r=.737$ ;  $p=.000$ ); *estar incluído num grupo que se junta para gozar/insultar outras pessoas* ( $r=.789$ ;  $p=.000$  e  $r=.847$ ;  $p=.000$ ); *estar incluído num grupo que se junta para bater noutras pessoas* ( $r=.454$ ;  $p=.000$  e  $r=.610$ ;  $p=.000$ ); *andar à porrada na rua* ( $r=.592$ ;  $p=.000$  e  $r=.773$ ;  $p=.000$ ); *roubar dinheiro ou objetos de outra pessoa* ( $r=.740$ ;  $p=.000$  e  $r=.826$ ;  $p=.000$ ); *vender artigos roubados* ( $r=.477$ ;  $p=.000$  e  $r=.583$ ;  $p=.000$ ). Por seu lado, as restantes condutas (excetuando *forçar a entrada numa casa, estabelecimento ou outra propriedade, pegar fogo a um carro e vender droga*), relacionam-se positivamente, embora de forma reduzida, com a perpetuação de cyberbullying pelo telemóvel e pela Internet (cf. Anexos).

Por sua vez, constata-se que não existe uma associação positiva e significativa entre a vitimização de cyberbullying quer por telemóvel quer por Internet e uma propensão para o envolvimento em outras condutas antissociais, com a exceção da existência de uma

---

<sup>10</sup> A fim de evitar repetições das condutas antissociais, organizou-se a disposição dos dados da seguinte forma: por cada comportamento, estão indicados, em primeiro lugar, os valores de  $r$  e  $p$  da associação com a perpetração de cyberbullying pelo telemóvel, seguido dos valores respetivos da relação com a prática de cyberbullying pela Internet (e.g., *ter falta disciplinar* ( $r=0.774$ ;  $p=0.000$  e  $r=0.821$ ;  $p=0.000$ )). Nas restantes hipóteses, optou-se pela mesma estrutura.

associação positiva muito fraca entre *ter falta disciplinar* e ter sido vítima de cyberbullying ( $r=0.176$ ;  $p=0.030$ ), como é possível constatar pela matriz de correlações (cf. Anexos). Numa análise a estes resultados, averiguou-se que não se encontram em consonância com a literatura sobre a problemática, como por exemplo as investigações de autores como Schneider, O'Donnell, Stueve e Coulter (2012), que atestam a existência de uma relação entre estas variáveis. Mais concretamente, estes verificaram que as cyber-vítimas demonstram uma tendência para revelar atitudes e comportamentos antissociais e agressivos, que traduzem as graves sequelas psicológicas desenvolvidas em consequência dos episódios de vitimização, entre os quais se inclui o envolvimento em condutas delinquentes, o que não ocorreu no nosso estudo.

Em contraposição, averiguou-se que os perpetradores de cyberbullying, não só pelo telemóvel mas também pela Internet, evidenciam uma predisposição para a prática de outras condutas antissociais, o que vai ao encontro da literatura acerca da problemática (Sourander et al., 2010; Ang & Goh, 2014). Os mencionados autores aferiram que os perpetradores de cyberbullying revelam uma forte propensão para a prática de outras condutas antissociais, como por exemplo invasão e/ou destruição de propriedades privadas e estabelecimentos públicos, vandalismo, roubos, suspensões da escola, faltas disciplinares, entre outras, em similitude ao que se verificou no nosso estudo.

## **Capítulo IV – Conclusão**

Primeiramente, o objetivo geral deste estudo prendeu-se com a asseveração do papel de fatores individuais, isto é, intrínsecos ao indivíduo, e comportamentais, na perpetração e vitimização do *cyberbullying*. Mais concretamente, por meio desta dissertação de mestrado, o nosso intuito foi perceber se o envolvimento em práticas de *cyberbullying* tem relação com características de natureza psicológica do adolescente, nomeadamente no que concerne aos seus níveis de impulsividade, autoconceito e sintomatologia psicopatológica; não obstante, também consideramos de elevada pertinência perceber se o envolvimento em outros comportamentos antissociais contribui mais fortemente e influencia o jovem a enveredar pelo *cyberbullying*, isto é, se o praticante, ou vítima, tende também a envolver-se noutros comportamentos antissociais. É importante acrescentar que, em vários estudos realizados por investigadores da área, foi encontrada uma relação significativa entre a variável *cyberbullying* e todas estas dimensões

(Mitchell et al., 2005; Patchin e Hinduja; 2010; Tokunaga, 2010; Arsène & Raynaud, 2014). Embora haja uma clara ausência de consenso em relação aos resultados no que toca a estas variáveis, consideramos que pertinente aferir se os resultados encontrados nesses estudos se replicavam neste agrupamento de escolas de Bragança, isto é, se, a par da perpetuação de *cyberbullying*, existem outros fatores de risco que propiciam a sua prática. Não obstante, pretendeu-se apurar se os hábitos em relação ao uso do telemóvel e da Internet por parte dos alunos têm um papel crucial no envolvimento em condutas de *cyberbullying*, isto é, se os jovens cujo tempo despendido *online* é elevado revelam uma maior predisposição para se tornarem *cybervítimas* e/ou *cyberbullies*.

Através de uma análise estatística correlacional, analisou-se o impacto que certas variáveis em específico produzem na variável dependente, isto é, em que medida esta é influenciada e condicionada por elas. Assim, no que diz respeito às hipóteses de investigação em estudo, a primeira foi, em parte, confirmada, na medida em que, apesar de se ter constatado que os adolescentes que foram vítimas de *cyberbullying*, quer pelo telemóvel, quer pela Internet, apresentam níveis de autoestima mais baixos, os perpetradores de *cyberbullying* não apresentaram valores significativamente mais reduzidos relativamente aos seus índices de autoestima, comparativamente àqueles que nunca enveredaram por este comportamento. Por seu lado, a segunda hipótese foi validada na sua totalidade, uma vez que foi encontrada uma associação positiva entre ser perpetrador de *cyberbullying* e índices mais elevados de impulsividade. Por seu turno, a hipótese três foi igualmente validada, embora os adolescentes da amostra que se descreveram como vítimas de *cyberbullying* apresentem uma relação mais forte com níveis superiores de sintomatologia psicológica, comparativamente aos perpetradores de *cyberbullying*. Por fim, a quarta hipótese foi parcialmente confirmada, o que significa que, apesar de se ter verificado, de um modo geral, uma associação positiva moderada a forte entre ser perpetrador de *cyberbullying* pelo telemóvel e pela Internet e o envolvimento em outras condutas de carácter antissocial, não se apurou uma relação estatisticamente significativa entre a vitimização por *cyberbullying* e a prática de comportamentos antissociais.

Nesse sentido, consideramos que este estudo se revelou de enorme pertinência, na medida em que se revelou pioneiro ao focalizar-se numa problemática que, em Portugal, apenas começou a ser alvo de maior atenção pelos investigadores e estudiosos na última década. Além disso, procurou-se estabelecer associações com variáveis como a impulsividade, a autoestima, a sintomatologia psicopatológica e outros comportamentos

antissociais, o que, tendo em consideração que tal se verifica, mostra o forte impacto do cyberbullying numa série de dimensões individuais e comportamentais, o que é sobremaneira preocupante. A par disso, focalizou-se na promoção de um estudo numa comunidade escolar inserida numa região portuguesa da qual se desconhecia o impacto e repercussão do cyberbullying, o que acabou por se revelar uma opção certa, na medida em que se averiguou que o fenómeno do cyberbullying é, de facto, uma realidade no meio escolar onde se realizou o estudo.

No entanto, este estudo é caracterizado por uma série de limitações, uma vez que foi somente realizado numa escola de Bragança, com uma amostra constituída apenas por algumas turmas do 3º ciclo do Ensino Básico, seleccionadas aleatoriamente. Com efeito, estes resultados não podem ser generalizados, quer ao nível da comunidade estudantil bragançana, dada a existência de mais agrupamentos de escolas nesta região, quer a nível nacional.

Todavia, espera-se que este estudo possa ser relevante, na medida em que constitua o primeiro passo para a concretização de mais estudos acerca desta problemática na região, cuja focalização seja ainda mais abrangente, nomeadamente em outras escolas do distrito de Bragança, de forma a estabelecer um ponto de comparação, de forma a analisar, por exemplo, não só a perspetiva dos alunos (sendo que uma recomendação seria desenvolver estudos com estudantes de outros ciclos de estudo), mas também das outras entidades envolvidas no meio escolar, as quais têm um contacto diário com os estudantes, entre os quais se incluem os docentes, os encarregados de educação, os funcionários, etc., com o intuito de compreender de modo mais aprofundado e abrangente a dimensão e repercussão que o cyberbullying assume nestas escolas.

Por fim, defronte de uma rede cibernética grandemente extensa e infinita, que perpassa culturas, continentes, nações e nacionalidades, e até o próprio tempo, o *cyberbullying* tem-se deflagrado e propagado velozmente, a uma velocidade alarmante. Nesse sentido, urge a necessidade de promover medidas ao nível da avaliação e prevenção desta problemática, o que apenas será possível se a totalidade dos atores das comunidades escolares se unirem fortemente em prol desta causa.



## Referências bibliográficas

- Amado, J., Matos, A., & Pessoa, T. (2009). Cyberbullying: Um novo campo de investigação e de formação. In *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 262-273). Braga, Portugal: Universidade do Minho.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). *Cyberbullying* from playground to computer. *Young Adult Library Services*, 5(2), 24-27. Retrieved from <https://www.questia.com/library/journal/1G1-164221549/cyberbullying-from-playground-to-computer>
- Ang, R.P., & Goh D.H. (2010), Cyberbullying among adolescents: The role of affective and cognitive empathy, and gender. *Child Psychiatry and Human Development*, 41(4), 387-397. doi: 10.1007/s10578-010-0176-3.
- Aricak, T., *et al.* (2008). Cyberbullying among Turkish adolescents. *CyberPsychology & Behavior*, 11(3), 253–261. doi: 10.1089/cpb.2007.0016.
- Arsène, M. (2013). *Le Cyberbullying: état actuel des connaissances sur la psychopathologie des enfants et adolescents confrontés à ce phénomène*. Unpublished master's thesis, Université Toulouse III – Paul Sabatier, France.
- Arsène, M., & Raynaud, J. (2014). Cyberbullying (ou cyber harcèlement) et psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent : état actuel des connaissances. *Neuropsychiatrie De L'enfance & De L'adolescence*, 62(4), 249-256. doi:10.1016/j.neurenf.2014.01.012.
- Bhat, C., Suniti, C., Shih-Hua, L., & Jamie A. (2010). Addressing cyberbullying as media literacy. *New Horizons in Education*, 58(3), 34-43. Retrieved from <http://eric.ed.gov/?id=EJ966658>
- Bento, A. (2011). *O Cyberbullying no Contexto Português*. Unpublished master's thesis, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

- Bozza, T.C.L. (2010). Cyberbullying: quando a violência é virtual - um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. Unpublished master's thesis, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Calmaestra, J., Mora-Merchán, & Ortega, R. (2011). Autoestima en víctimas y agresores de bullying e cyberbullying. Retrieved from [http://www.researchgate.net/publication/230874370\\_Autoestima\\_en\\_vctimas\\_y\\_agresores\\_de\\_bullying\\_y\\_cyberbullying](http://www.researchgate.net/publication/230874370_Autoestima_en_vctimas_y_agresores_de_bullying_y_cyberbullying)
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers In Human Behavior*, 26(5), 1128-1135. doi:10.1016/j.chb.2010.03.017.
- Campos, M. (2009). *O Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. Unpublished master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Carson, R. (2014). *Adolescent Cyberbullying in New Zealand and the implication of parenting styles*. Unpublished master's thesis, University of Canterbury, Nova Zelândia, Austrália.
- Chisholm, J.F. (2014). Review of the Status of Cyberbullying and Cyberbullying Prevention. *Journal of Information Systems Education*, 25(1), 77-87. Retrieved from/Retirado de <http://jise.org/Volume25/25-1/pdf/Vol25-1pg77.pdf>
- Chitas, V.C. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos de risco na adolescência – fatores de risco e fatores de proteção*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Coloroso, B. (2005). *The bully, the bullied, and the bystander: from preschool to high school –How parents and teachers can help break the cycle of violence*. London: Picadilly Press.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., & Tuthill, L. (2007). Cyberbullying: What it is and what we can do about it. *NASP Communiqué*, 36(1), 1-5. Retrieved Outubro,

- 2015, from  
[http://ace.ucr.edu/people/nancy\\_guerra/nancy\\_pdfs/cyberbullying%20what%20it%20is%20and%20what%20we%20can%20do%20about%20it.pdf](http://ace.ucr.edu/people/nancy_guerra/nancy_pdfs/cyberbullying%20what%20it%20is%20and%20what%20we%20can%20do%20about%20it.pdf)
- Derogatis, L. R. (1982). Self-report measures of stress. In L. Goldberger & S. Brenznitz (Eds.), *Handbook of stress*. New York: Free.
- Derogatis, L. R. (1993). *BSI: Brief Symptom Inventory* (3rd ed.). Minneapolis: National Computers Systems.
- Diamanduros, T. R., Downs, E. & Jenkins, S. J. (2008). The role of school psychologists in the assessment, prevention, and intervention of cyberbullying. *Psychology in the Schools*, 45(8), 693-704. doi: 10.1002/pits.20335.
- Didden, R., Scholte, R.H.J., Korzilius, H., de Moor, J.M.H., Vermeulen, A., O'Reilly, M., Lang, R. & Lancioni, G.E. (2009). Cyberbullying among students with intellectual and developmental disability in special educational settings. *Developmental Neurorehabilitation*, 12(3), 146-151. doi:10.1080/17518420902971356.
- Eysenck, H. J. (1993). The nature of impulsivity. In McCown, W.G., Johnson, J.L., Shure, M. B. (Eds.). *The impulsive client* (57-69). Washington, DC: American Psychological Association
- Estévez, A., Villardón, L., Calvete, E., Padilla, P., & Orue, I. (2010). Adolescentes víctimas de cyberbullying: prevalência y características. *Psicologia Conductual*, 18(1), 73-89. Retrieved from  
[http://www.researchgate.net/publication/261362739\\_Adolescentes\\_vctimas\\_de\\_cyberbullying\\_prevalencia\\_y\\_caractersticas](http://www.researchgate.net/publication/261362739_Adolescentes_vctimas_de_cyberbullying_prevalencia_y_caractersticas)
- Ferreira, J. (2013). *Os Jovens, a Escola e o Cyberbullying* (Master's thesis). Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, Portugal
- Floros, G.D, Siomos, K.E., Fisoun, V., Dafouli, E., Geroukalis, D. (2011). Adolescent Online Cyberbullying in Greece: The Impact of Parental Online Security Practices, Bonding, and Online Impulsiveness. *Journal of School Health*, 83(6), 445-453. doi: 10.1111/josh.12049.

- Freire, I., Alves, M.M., Breia, A.P., Conceição, D., & Fragoso, L. (2013). *Cyberbullying e Ambiente Escolar: Um Estudo Exploratório e Colaborativo entre a Escola e a Universidade*. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 47(2), 43-67. Retrieved from <http://iduc.uc.pt/index.php/rppedagogia/article/view/1904>
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: Una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(2), 233-254. Retrieved Outubro, 2015, from <http://www.ijpsy.com/volumen11/num2/295/prevalencia-y-consecuencias-del-cyberbullying-ES.pdf>
- Genta, M. L., Smith, P. K., Ortega, R., Brighi, A., Guarini, A., Thompson, F., & ... Calmaestra, J. (2012). Comparative aspects of cyberbullying in Italy, England, and Spain: Findings from a DAPHNE Project. In Q. Li, D. Cross, P. K. Smith, Q. Li, D. Cross, P. K. Smith (Eds.), *Cyberbullying in the global playground: Research from international perspectives* (pp. 15-31). doi:10.1002/9781119954484.ch2.
- Gross, E.F. (2004). Adolescent Internet Use: What We Expect, What Teens Report. *Journal Of Applied Developmental Psychology: An International Lifespan Journal*, 25(6), 633-649. doi:10.1016/j.appdev.2004.09.005.
- Guarini, A, Passini, S, Melotti, G., & Brighi, A. (2012) Risk and Protective Factors on Perpetration of Bullying and Cyberbullying., *Studia Edukacyjne*, 23, 33 – 55. Retrieved Outubro 2015, from [https://repozytorium.amu.edu.pl/jspui/bitstream/10593/5887/1/studia\\_eduk\\_23\\_s\\_3\\_3-56.pdf](https://repozytorium.amu.edu.pl/jspui/bitstream/10593/5887/1/studia_eduk_23_s_3_3-56.pdf)
- Hemphill, S. A., Kotevski, A., Tollit, M., Smith, R., Herrenkohl, T. I., Toumbourou, J. W., & Catalano, R. F. (2012). Longitudinal Predictors of Cyber and Traditional Bullying Perpetration in Australian Secondary School Students. *Journal Of Adolescent Health*, 51(1), 59-65. doi:10.1016/j.jadohealth.2012.05.003.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29(2), 129-156. doi: 0.1080/01639620701457816.
- Hinduja, S. & Patchin, J. W. (2009). *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to Cyberbullying*. USA: Corwin Press.

- Hines, H. N. (2011). *Traditional Bullying and Cyberbullying: are the impacts on self-concept the same?* Unpublished master's thesis, Western Carolina University, Carolina do Norte, EUA.
- Kowalski, R, Limber, S, & Agatston, P (2008). *Cyber Bullying*. Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Lawler, J. & Molluzzo, J. (2010). A Study of the Perceptions of Students on Privacy and Security on Social Networking Sites (SNS) on the Internet. *Journal of Information Systems Applied Research*, 3(12), 1-17. Retrieved Outubro, 2015, from <http://www.proc.conisar.org/2009/3732/CONISAR.2009.Lawler.pdf>
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in Schools: A research of gender differences. *School Psychology International*, 27(2), 157-170. doi:10.1177/0143034306064547.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparsion of adolescents'experience related to cyberbullying. *Educational Research*, 50(3), 223-234. doi:10.1080/00131880802309333.
- Limber, S.P. (2011). Development, evaluation, and future directions of the Olweus bullying prevention program. *Journal of School Violence*, 10, 71-87. doi: 10.1080/15388220.2010.519375.
- Lodge, J., & Frydenberg, E. (2007). Cyberbullying in Australian Schools: Profiles of Adolescent Coping and Insights for School Practitioners. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 24(1), 45-58. Retrieved Outubro, 2015, from <http://search.informit.com.au/documentSummary;dn=200709985;res=IELAPA>
- Magaud, E., Nyman, K., & Addington, J. (2013). Cyberbullying in those at clinical high risk for psychosis. *Early Intervention in Psychiatry*, 7(4), 427-430. doi: 10.1111/eip.12013.
- Maia, C., et al. (2015). Geração digital – riscos e competências. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 46(3), 232-238. Retrieved Outubro, 2015, from <http://actapediatrica.spp.pt/article/view/6285/5240>
- Maidel, S. (2009). Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, 1, 113-119. Retrieved from <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n2/REID2art7.pdf>

- Moeller, G., Barratt, E., Dougherty, D., Schmitz, J., & Swann, A. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158(11), 1783–1793. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11691682>
- Moutinho, A. I. G., *et al.* (2013). E-DARS – Estudo da depressão em adolescentes e redes sociais. *Adolescência e Saúde*, 10(2), 30-38. Retrieved Outubro, 2015, from [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=366](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=366)
- Notar, C., Padgett, S., & Roden, J. (2013). Cyberbullying: A Review of the Literature. *Universal Journal of Educational Research*, 1(1), 1-9. doi: 10.13189/ujer.2013.010101
- Ortega, R., Calmaestra, J., & Mora-Merchán, J. (2008). Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(2), 183-192. Retrieved from <http://www.ijpsy.com/volumen8/num2/194.html>
- Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Genta M. L., Brighi, A., Guarini, A., Smith, P. K., Thompson, F., & Tippet, N. (2012). The emotional impact of Bullying and Cyberbullying on victims: A European Cross-National Study. *Aggressive Behavior*, 38, 342-356. doi:10.1002/ab.21440.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2007). *Avaliação em psicologia da saúde: Instrumentos publicados em português*. Coimbra: Quarteto.
- Patchin, J.W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80 (12), 614-621. doi: 10.1111/j.1746-1561.2010.00548.x.
- Paul, S., Smith, P.K., & Blumberg, H.H. (2012). Comparing student perceptions of coping strategies and school interventions in managing bullying and cyberbullying incidents. *Pastoral Care in Education*, 30(2), 127-146. doi: 10.1080/02643944.2012.679957.
- Pinheiro, L. (2009). *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*. Unpublished master's thesis, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Pinto, T. (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos*. Unpublished master's thesis, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.

- Pyżalski, J. (2012). From cyberbullying to electronic aggression: typology of the phenomenon. *Emotional & Behavioural Difficulties*, 17(3/4), 305-317 doi:10.1080/13632752.2012.704319.
- Popović-Čitić, B., Djurić, S., & Cvetković, V. (2011). The prevalence of cyberbullying among adolescents: A case study of middle schools in Serbia. *School psychology international*, 32(4), 412-424. Retrieved from <http://spi.sagepub.com/content/early/2011/06/17/0143034311401700?patientinform-links=yes&legid=spspi:0143034311401700v1>
- Rato, A. M. S. (2016). *Cyberbullying: the violence behind technology and its implication for the adolescents' self-esteem* (Master's Thesis). Faculty of Medicine, University of Porto, Portugal.
- Robson, C., & Witenberg, R.T. (2013). The influence of Moral Disengagement, Morally based Self-Esteem, Age, and Gender on Traditional Bullying and Cyberbullying. *Journal of School Violence*, 12(2), 211-231. doi: 10.1080/15388220.2012.762921.
- Sahin, M. (2012). The relationship between cyberbullying/cybervictimization and loneliness among adolescents. *Children and Youth Services Review*, 34(4), 834-837. doi:10.1016/j.childyouth.2012.01.010.
- Santos, P. J. & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-28. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16170/2/SantoseMaia2003000077930.pdf>
- Schneider, S.K., O'Donnell, L., Stueve, A., & Coulter, R.S. (2012). Cyberbullying, School Bullying, and Psychological Distress: A Regional Census of High School Students. *American Journal Of Public Health*, 102(1), 171-177. doi:10.2105/AJPH.2011.300308.
- Slonje, R., Smith, P.K. & Frisén, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in Human Behaviour*, 29(1), 26-32. doi:10.1016/j.chb.2012.05.024.
- Smith, P. K. (2010). Cyberbullying: The European perspective. In J. Mora-Merchan & T. Jaeger (Eds.), *Cyberbullying: A cross-national comparison* (pp. 7-19). Landau, Germany: Verlag Emprische Padagogik.

- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russel, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.
- Sumter, S.R., Baumgartner, S.E., Valkenburg, P.M., e Peter, J. (2012). Develop-mental trajectories of peer victimization: off-line and online experiences during adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 50(6), 607-613. Retrieved from [http://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(11\)00606-9/abstract](http://www.jahonline.org/article/S1054-139X(11)00606-9/abstract)
- Suzuki, K, Asaga, R, Sourander, A, Hoven, C.W. & Mandell, D. (2012). Cyberbullying and adolescent mental health. *Journal of Adolescent Health*, 24(1), 27-35. doi: 10.1515/ijamh.2012.005.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277-287. doi:10.1016/j.chb.2009.11.014.
- Ventura, P. (2011). *Incidência e Impacto do Cyberbullying nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico público português* (Doctoral dissertation/Tese de doutoramento). Universidade de Granada, Granada, Espanha.
- Wendt, G., & Lisboa, S. (2014). Compreendendo o Fenômeno do Cyberbullying. *Trends in Psychology/Temas em Psicologia*, 22(1), 39-54. doi: 10.9788/TP2014.1-04.
- Willard, N. (2007). The Authority and Responsibility of School Officials in Responding to Cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41(6) 64–65. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.013.
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J. (2005). Youth engaging in online harassment: associations with caregiver–child relationships, Internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence*, 27(3), 319-336. doi:10.1016/j.adolescence.2004.03.007.
- Ybarra, M. L., Espelage, D. L., & Mitchell, K. J. (2007). The co-occurrence of Internet harassment and unwanted sexual solicitation victimization and perpetration: Associations with psychosocial indicators. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 31-41. doi:10.1016/j.jadohealth.2007.09.010.



# ANEXOS

## ANEXO I

### Pedido de Aplicação de Inquérito em Meio Escolar à DGE (Direção-Geral de Educação)



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Início » Consultar inquéritos » **Ficha de inquérito**

#### Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Márcia Filipa Lima Castro

Nome do Interlocutor:

Jorge Negreiros

E-mail do interlocutor:

jorgenegreiros898@gmail.com

Márcia Filipa Lima Castro

Sair

#### Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registar inquérito
- Instruções

#### Dados do Inquérito

##### Número de registo:

0511400001

##### Designação:

"Cyberbullying numa escola de Bragança: uma realidade camuflada?"

##### Descrição:

O cyberbullying define-se pelo recurso inadequado e desmesurado a dispositivos tecnológicos como a internet e o telemóvel, com o propósito central de ofender, envergonhar, assediar, humilhar e constranger moralmente e/ou psicologicamente uma pessoa ou grupo de indivíduos, através de fotografias íntimas, vídeos, imagens e/ou mensagens insultuosas e agressivas. Nos últimos anos, o cyberbullying tem atingido um número cada vez mais significativo de adolescentes nas escolas portuguesas, em particular os alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, o que se repercute em consequências largamente nocivas, não só a nível físico, mental e psicológico mas também social (Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2012).

A repercussão do fenómeno do cyberbullying em várias escolas portuguesas é cada vez mais inquietante, e, partindo dessa premissa, considero que seria de sobremaneira crucial fomentar um estudo deste cariz na minha terra natal - a cidade de Bragança - dada a total ausência de dados na literatura a respeito da prevalência, impacto e incidência do fenómeno, assim como características, perfil psicológico, subtipos de cyberbullying mais perpetuados, repercussões e efeitos diretos e indiretos nos jovens adolescentes desta cidade. Isto é, se, de facto, esta problemática se perpetua no cenário escolar bragançano, se, efetivamente, há jovens cujo comportamento é compatível com a conduta e perfil do cyberbully e/ou cybervítima, se seria pertinente levar a cabo uma intervenção mais profunda nesse campo, contemplado e envolvendo as figuras parentais, os pares e/ou professores.

Assim sendo, foram definidos objetivos gerais, mais concretamente a análise da influência de fatores sociodemográficos como o género, a idade e a escolaridade sobre os comportamentos de cyberbullying, numa amostra de adolescentes do 7º, 8º e 9º ano do 3º cido do ensino básico proveniente das escolas de Bragança. Dada a limitação dos recursos e tempo disponíveis, a par dos imensos procedimentos burocráticos obrigatórios e fundamentais à realização de um estudo deste caráter, considerei que seria mais realista efetuar este estudo numa das principais comunidades escolares desta cidade. A minha escolha recaiu sobre a Escola Secundária/3 Abade de Baçal, pelo facto de ser a escola onde estudei durante o ensino secundário. Por conseguinte, seria deveras importante perceber se o fenómeno sobre o qual estou a desenvolver este estudo, o cyberbullying, é uma realidade preponderante na minha antiga escola.

De acordo com uma pluralidade de estudos, os níveis de perpetração e vitimização de cyberbullying alcançam o seu pico no 3º cido do ensino básico, mais especificamente entre o 7º e o 9º ano, daí que o meu estudo se foque em particular neste universo de alunos. Os adolescentes são a faixa etária mais atingida pelo cyberbullying, daí que é de fulcral importância perceber se, de facto, o mesmo ocorre em Bragança, já que, nalguns estudos portugueses, verificou-se que, efetivamente, isso tem acontecido com preponderância.

Além do mais, dada a ausência de consenso e ambiguidade nos resultados no que toca a estas variáveis, bem como a sua associação com a prática de cyberbullying, acredito que seria de assaz importância asseverar qual o cenário que será mais compatível com a realidade escolar de Bragança. Não obstante, pretende-se apurar se os hábitos em relação ao uso do telemóvel e da internet dos alunos têm um papel crucial no envolvimento em condutas de cyberbullying, isto é, se os jovens cujo tempo despendido online é elevado revelam uma maior vulnerabilidade para se tornarem cybervítimas e/ou cyberbullies.

O segundo objetivo geral prende-se com a asseveração do papel de fatores individuais, isto é, intrínsecos ao indivíduo, e comportamentais, na perpetração e vitimização do cyberbullying. Mais concretamente, por meio desta dissertação de mestrado, o meu objetivo é ir mais longe e perceber se o envolvimento em práticas de cyberbullying tem relação com características de natureza psicológica do adolescente, nomeadamente no que concerne aos seus níveis de impulsividade, autoconceito e sintomatologia psicopatológica; paralelamente, também considero de elevada pertinência perceber se o envolvimento em outros comportamentos antissociais

contribui mais fortemente e influencia o jovem a envolver-se pelo cyberbullying, isto é, se o praticante, ou cibervítima, tende também a envolver-se noutros comportamentos antissociais, tais como condutas violentas, roubos, vandalismo, invasão de propriedade, desobediência, desafio à autoridade, entre outros. A partir das variáveis independentes individuais e comportamentais, pretende-se analisar o impacto que estas variáveis em específico produzem na variável dependente, isto é, em que medida é influenciada e condicionada por elas. No que concerne aos fatores individuais, foram definidas três variáveis independentes – a autoestima, a impulsividade e a sintomatologia psicopatológica. No que diz respeito aos fatores comportamentais, definiu-se a variável outros comportamentos antissociais. O cyberbullying constitui-se então como a variável dependente, cujos níveis irão ser diretamente influenciados e condicionados pelas variáveis independentes. Dado que, em vários estudos fomentados por investigadores da área, foi encontrada uma relação significativa entre o cyberbullying e todas estas dimensões, considere-se que seria pertinente aferir se os resultados encontrados nesses estudos se replicam nas escolas de Bragança, se, a par da perpetuação de cyberbullying, existem outros fatores de risco que propiciam a sua prática. Em suma, defronte de uma rede grandemente extensa de conhecidos e anónimos, que perpassa culturas, continentes, nações e nacionalidades, e até o próprio tempo, o cyberbullying pode deflagrar-se e propagar-se rapidamente, com uma identidade oculta e imune ao medo de sofrer represálias. Então, porque não averiguar a sua difusão em meios urbanos de menor amplitude, mais concretamente a cidade de Bragança, cuja prevalência e incidência é totalmente desconhecida, oculta aos olhos da comunidade escolar?

#### Objectivos:

##### Objectivos Gerais

###### 1º Objectivo: Caracterização e Prevalência do Fenómeno

Analisar a influência de fatores sociodemográficos (género, idade, escolaridade) sobre os comportamentos de cyberbullying, numa amostra de adolescentes do 7º, 8º e 9º ano do 3º ciclo do ensino básico proveniente de uma escola de Bragança.

###### 2º Objectivo: Fatores Individuais e Comportamentais

Examinar o papel de fatores individuais e comportamentais na perpetração e vitimização do cyberbullying.

##### Objectivos Específicos

1º Objectivo: Analisar se os hábitos em relação ao uso do telemóvel e da internet dos alunos têm uma influência significativa no envolvimento em condutas de cyberbullying.

2º Objectivo: Aferir se as vítimas e perpetradores de cyberbullying revelam níveis de autoconceito mais baixos, comparativamente àqueles que não vivenciaram este fenómeno.

3º Objectivo: Apurar se os atores de cyberbullying apresentam níveis de impulsividade mais elevados do que os jovens que não levaram a cabo ações de cyberbullying.

4º Objectivo: Verificar se os adolescentes vitimizados ou que praticam condutas de cyberbullying revelam uma sintomatologia psicopatológica mais profunda do que aqueles que não experienciaram este tipo de comportamento antissocial.

5º Objectivo: Averiguar se os jovens que praticam atos de cyberbullying, ou foram vítimas deste fenómeno, apresentam níveis de envolvimento em outros comportamentos antissociais.

#### Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:

Não

#### Inquérito aplicado pela entidade:

Sim

#### Instrumento de inquirição:

05114\_201510211102\_Documento1.docx (DOCX - 82,62 KB)

#### Nota metodológica:

05114\_201510211102\_Documento2.pdf (PDF - 210,20 KB)

#### Outros documentos:

05114\_201510211102\_Documento3.pdf (PDF - 594,69 KB)

#### Data de registo:

21-10-2015

#### Versão:

2 (2)

## ANEXO II

### Aprovação do Pedido de Aplicação de Inquérito em Meio Escolar pela DGE (Direção-Geral de Educação)

#### Avaliação:

Exmo.(a) Senhor(a) Márcia Filipa Lima Castro

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Vítor Pedroso

Diretor-Geral

DGE

#### Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização da Direção do Agrupamento de Escolas do ensino público Abade de Baçal a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque onerosos e inquirindo sobre matérias de sensibilidade pessoal, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamentos.

b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser primeiramente atestado pelos seus representantes legais mas também recolher o seu consentimento informado. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação e pelos alunos devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado.

c) Informa-se ainda que a DGE não é competente para autorizar a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção/formação em meio escolar junto de alunos em contexto de sala de aula, dado ser competência da Escola/Agrupamento.

d) A DGE gostaria de ter conhecimento dos resultados e conclusões do presente estudo dada a sua relevância para o sistema de ensino.

#### Outras observações:

### ANEXO III

Declaração do Orientador enviada à DGE e à Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal



#### Declaração

Para os devidos efeitos se declara que a estudante Márcia Filipa Lima Castro está a desenvolver uma dissertação de mestrado sobre o fenómeno do Cyberbullying nos jovens, a apresentar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Mais se declara que concordo com a metodologia utilizada no referido estudo para atingir os objetivos propostos e que os instrumentos utilizados têm a minha aprovação.

Porto, 6 de outubro de 2015

  
Jorge Negreiros  
(Prof. Catedrático)

## ANEXO IV

### Carta enviada à Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal



Exma. Dra. Maria Teresa Martins Rodrigues Sá Pires,

Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal,

O meu nome é Márcia Filipa Lima Castro, aluna do 5º ano do curso Mestrado Integrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, e estou a desenvolver a minha tese de mestrado acerca da problemática do *cyberbullying*, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Negreiros.

O principal objetivo deste estudo é verificar se o *cyberbullying* ocorre e tem um impacto significativo entre os alunos do 3º ciclo do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, bem como outras áreas do comportamento associadas. Esta problemática tem atingido as escolas um pouco por todo o mundo, designadamente as escolas portuguesas no geral.

Dada a ausência de dados na literatura sobre a prevalência e incidência do fenómeno em Bragança, acredito que seria relevante realizar um estudo sobre esta temática no seio da sua comunidade escolar.

Nesse âmbito, venho por este meio requerer a V. Ex.ª a sua autorização para proceder à aplicação de um questionário na sua escola, mais especificamente aos alunos das turmas do 7º, 8º e 9º ano. De forma a reunir uma amostra que seja representativa da população de alunos do 3º ciclo, o mais indicado seria efetuar uma seleção aleatória de duas/três turmas por cada ano de escolaridade, o que se traduziria na aplicação do questionário em seis/oito turmas no total, o que dependeria do número exato de alunos que constituem as turmas desses anos no presente ano letivo. Assim sendo, o ideal seria reunir uma amostra constituída aproximadamente por 150 alunos, que incluía um número similar de rapazes e raparigas.

Com efeito, o questionário deverá ser aplicado em contexto de sala de aula, sendo efetuado um contacto prévio com os diretores de turma, de modo a ser possível administrá-los nas aulas lecionadas pelos mesmos. Não obstante, deverá ser enviado aos encarregados de educação dos alunos selecionados um pedido de autorização para os seus educandos poderem participar no estudo, assente na assinatura de um termo de consentimento informado.

De ressaltar ainda que a confidencialidade e anonimato dos alunos que procederem ao preenchimento do questionário será assegurada. Os dados obtidos serão única e exclusivamente tratados e analisados em função deste estudo, e, nesse sentido, não serão divulgados e facultados a terceiros.

Posto isto, envio em anexo um documento no qual consta a autorização concedida por parte da Direção Geral da Educação, a qual me permite administrar este questionário na sua escola.

Neste âmbito, coloco-me à inteira disposição de V. Ex.ª para fornecer todos os esclarecimentos que se afigurem necessários.

Contactos:

Nº de telemóvel: 969715768

E-mail: marci\_castro@live.com.pt

Porto, 19 de Novembro de 2015

Com os melhores cumprimentos,

(Márcia Filipa Lima Castro)



## ANEXO V

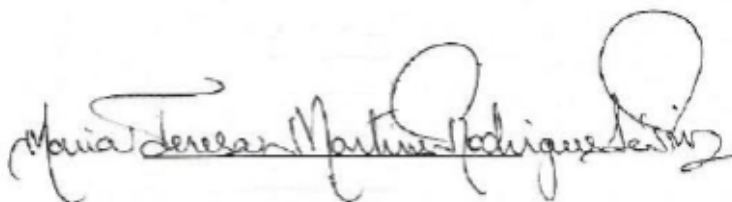
Autorização assinada pela Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal

### **Autorização da Diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal**

Eu, Maria Teresa Martins Rodrigues Sá Pires, diretora do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, autorizo a estudante de mestrado Márcia Castro a aplicar o seu estudo sobre *cyberbullying* junto dos alunos, tendo sido assegurados o seu anonimato e a confidencialidade e proteção dos dados preenchidos.

Bragança, 7 de dezembro de 2015

A Diretora,

A handwritten signature in black ink, reading 'Maria Teresa Martins Rodrigues Sá Pires', written in a cursive style.

(Maria Teresa Martins Rodrigues Sá Pires)

## ANEXO VI

### Termo de Consentimento Informado



#### Termo de Consentimento Informado

Exmo. Sr(a). Encarregado(a) de Educação,

O meu nome é Márcia Filipa Lima Castro, aluna do 5º ano do curso Mestrado Integrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, da Universidade do Porto, e estou a desenvolver a minha tese de mestrado, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Negreiros.

Nesse sentido, venho por este meio solicitar a sua autorização para o seu educando poder participar no meu estudo, que consiste apenas no preenchimento de um questionário numa aula dada pelo(a) diretor(a) de turma, com uma duração de, aproximadamente, 20 minutos, sobre os hábitos dos alunos ao nível da utilização de tecnologias como a internet e o telemóvel.

Por fim, garanto que a confidencialidade e anonimato dos alunos serão assegurados, não lhes sendo pedido que coloquem o seu nome no questionário. Os dados obtidos serão única e exclusivamente tratados e analisados para efeitos da minha tese de mestrado, e, nesse sentido, não serão divulgados e facultados a terceiros.

No caso de alguma dúvida, esteja à vontade para me contactar.

#### Contactos:

Nº de telemóvel: 969715768

E-mail: marci\_castro@live.com.pt

A Investigadora,

Márcia Filipa Lima Castro

(Márcia Filipa Lima Castro)

Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado(a) de educação do aluno \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_ da turma \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ ano, autorizo/não autorizo o meu educando a participar no estudo da investigadora Márcia Castro sobre os hábitos dos alunos ao nível da utilização de tecnologias como a internet e o telemóvel, através do preenchimento de um questionário, no qual me foram garantidos o anonimato do meu educando e a confidencialidade e proteção dos dados preenchidos.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_

O Encarregado de Educação,

\_\_\_\_\_

## ANEXO VII

### Questionário aplicado em meio escolar (versão *Google Forms*)

#### Questionário

No âmbito da minha tese de mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, venho por este meio pedir a tua ajuda no preenchimento deste questionário.

O principal objetivo deste estudo é conhecer os hábitos dos jovens do 3º ciclo relativamente ao uso do telemóvel e Internet, bem como noutras áreas do comportamento associadas. Nesse sentido, a tua colaboração é muito importante, uma vez que é a partir das tuas respostas que o meu estudo se vai poder concretizar.

Lê com muita atenção cada questão e procura não deixar nenhuma pergunta por responder. A tua participação neste estudo é anónima e confidencial e, por isso, não precisas de escrever o teu nome. Além de mim, ninguém que tu conheças terá acesso às tuas respostas. Este questionário não é um teste, não há respostas certas e erradas. Estás à vontade para ser o mais sincero(a) possível, o importante é entender como tu pensas, sentes ou ages em relação a estas questões.

Por fim, aconselho-te a seguir as instruções que acompanham cada parte do questionário e, caso tenhas alguma dúvida, não hesites em pedir a minha ajuda ou a do teu professor(a). Na maioria das questões, deves colocar um X na opção mais adequada a ti. Nas perguntas de resposta aberta, escreve a tua resposta na linha que vem a seguir à questão. Se nenhuma das opções descrever a tua situação, indica a alternativa que mais se relaciona contigo.

#### A. Dados Sociodemográficos

---

Em primeiro lugar, gostaria de conhecer algumas características sobre ti, nomeadamente a tua idade, género ou ano de escolaridade. Indica com um X a tua resposta ou escreve-a no espaço indicado.

**1. 1. Sexo**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Feminino  
☐ Masculino

**2. 2. Idade**

.....

**3. 3. Nacionalidade**

.....

**4. 4. Qual é o teu nível de escolaridade?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ 7º ano  
☐ 8º ano  
☐ 9º ano



## B. Comportamentos Antissociais

Indica, por favor, quantas vezes praticaste algum destes comportamentos. Assinala a tua resposta com uma cruz na alternativa que melhor te descreve.

	Nenhuma	1	2 – 3	4 – 5	6 – 7	8 – 9	10 – 11	12 ou mais
1. Ter falta disciplinar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Ser suspenso da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Ser expulso da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Insultar um professor ou funcionário da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Bater num professor ou funcionário da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Danificar intencionalmente mobiliário, instrumentos ou espaços da escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Andar à porrada na escola.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Passar a noite fora de casa sem autorização.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Fugir de casa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Estar incluído num grupo que se junta para gozar/insultar outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Estar incluído num grupo que se junta para bater noutras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Andar à porrada na rua.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Envolveres-te em lutas de gang.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Ferir alguém ao ponto de deixar essa pessoa necessitar de cuidados médicos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Usar facas ou navalhas para ameaçar ou magoar alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Usar armas de fogo para ameaçar ou magoar alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Forçar a entrada numa casa, estabelecimento ou outra propriedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Pegar fogo a um carro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Pegar fogo a uma casa ou outro espaço.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Roubar um carro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Roubar artigos em lojas ou supermercados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Roubar dinheiro ou objetos de outra pessoa (ex.: telemóvel, relógio, carteira, roupa, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. Participar num assalto a uma casa, loja, escola ou outro edifício.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24. Vender artigos roubados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Vender droga.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Ter problemas com a polícia por alguma coisa que tenhas feito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## C. Uso do Telemóvel e Internet

Agora, vamos colocar-te um conjunto de questões sobre os teus hábitos em relação ao uso do telemóvel e da Internet. Coloca um X na alternativa que melhor expressa o teu caso.

### 6. 1. Tens telemóvel?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

### 7. 2. Tens acesso à Internet em casa?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

### 8. 3. Onde costumavas ter acesso à Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Não uso a Internet  
☐ No meu quarto  
☐ Em casa, mas não no meu quarto  
☐ Na escola  
☐ Na biblioteca local  
☐ Num cibercafé  
☐ Na casa de um familiar  
☐ Na casa de um amigo

9. 4. Para que atividades usas a Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não uso a Internet
- ☐ Fazer compras online
- ☐ Visitar páginas web (sites)
- ☐ Enviar/receber e-mails
- ☐ Conversar em salas de chat
- ☐ Ver online/ fazer download de filmes, séries, músicas, etc.
- ☐ Jogar
- ☐ Enviar mensagens instantâneas (MSN Messenger, Skype, Google Talk, etc.)
- ☐ Estudar
- ☐ Estar nas redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat, etc.)

10. 5. Como avalias a tua capacidade para utilizar computadores?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca usei o computador
- ☐ Razoável
- ☐ Boa
- ☐ Excelente

11. 6. Em média, por dia, quantas horas gastas com:

Marcar apenas uma oval por linha.

	0h	<1h	1- 3h	3-5h	5h ou
Telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
MSN Messenger, Skype, Google Talk, Salas de chat	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogos online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conversar online com amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conversar online com desconhecidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. 7. Conheces estratégias de segurança na Internet?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

13. 7.1. Se sim, quais é que são as estratégias de segurança que já utilizaste?

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Usar software que nos proteja de conteúdos indesejáveis.
- ☐ Nunca abrir links ou anexos de pessoas desconhecidas.
- ☐ Não partilhar informação pessoal com desconhecidos.
- ☐ Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas.
- ☐ Bloquear ou não adicionar e-mails desconhecidos.
- ☐ Contactar o servidor quando se é perseguido online.
- ☐ Mudar o nick name ou de e-mail quando se é perseguido.
- ☐ Contar a adultos quando se é insultado online.

**Lê agora com atenção as seguintes definições. Em seguida vou-te fazer algumas perguntas relacionadas com as mesmas.**

O bullying é um comportamento agressivo, em que um aluno ou um grupo de alunos diz ou faz coisas desagradáveis a outro(s) aluno(s), que não se conseguem defender facilmente, acontecendo mais do que uma vez ao longo do tempo.

O cyberbullying é um tipo de comportamento agressivo (um tipo de bullying) que ocorre através do uso de meios tecnológicos, tal como a Internet ou o telemóvel, com o objetivo de assediar, ameaçar ou intimidar alguém.

14. 8. Já assististe a situações de bullying na tua escola?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não, não há bullying na minha escola
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Sim, uma ou duas vezes por semana
- ☐ Sim, várias vezes por semana

15. 9. Já foste vítima de bullying?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma, nunca fui vítima de bullying
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Várias vezes por semana

16. 10. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca
- ☐ Na última semana
- ☐ No último mês
- ☐ Neste período letivo
- ☐ No último ano letivo
- ☐ Há mais de um ano

17. 11. Já praticaste atos de bullying?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca pratiquei atos de bullying (nunca fui um bullie)
- ☐ Apenas aconteceu uma ou duas vezes
- ☐ Sim, pelo menos uma vez por semana
- ☐ Sim, várias vezes por semana

18. 12. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca
- ☐ Na última semana
- ☐ No último mês
- ☐ Neste período letivo
- ☐ No último ano letivo
- ☐ Há mais de um ano

19. 13. Tens conhecimento de casos de cyberbullying no contexto que te

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não existem casos de cyberbullying no meio que me rodeia
- ☐ Apenas aconteceu uma ou duas vezes
- ☐ Acontece uma vez por semana
- ☐ Acontece várias vezes por semana

20. 14. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca
- ☐ Na última semana
- ☐ No último mês
- ☐ Neste período letivo
- ☐ No último ano letivo
- ☐ Há mais de um ano

## Cyberbullying pelo telemóvel

Agora, quero saber se já foste vítima e/ou já praticaste atos de cyberbullying através do telemóvel. Alguns exemplos de práticas de cyberbullying pelo telemóvel são: receber ou enviar mensagens de texto (SMS) abusivas; enviar ou receber chamadas ofensivas ou ameaçadoras; tirar e enviar fotos e/ou vídeos (fotos/imagens/vídeos ofensivos enviados para ti, ou fotos/imagens/vídeos prejudiciais enviados a outros sobre ti), etc.

21. 15. Quantas vezes foste vítima de cyberbullying através do teu telemóvel?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma, isso nunca aconteceu
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Várias vezes por semana

22. 16. Quantas vezes cometeste atos de cyberbullying contra outras pessoas, usando o teu telemóvel?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma, isso nunca aconteceu
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Várias vezes por semana

23. 17. Achas que o cyberbullying através do telemóvel, comparado com o bullying tradicional...

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tem menos efeito sobre a vítima
- ☐ Tem o mesmo efeito na vítima
- ☐ Tem mais efeito sobre a vítima
- ☐ Não sei

24. 18. Como te sentes quando sofres de cyberbullying através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Nunca me aconteceu isso
- ☐ Sinto-me sozinho, isolado
- ☐ Sinto-me irritado
- ☐ Sinto-me triste
- ☐ Sinto-me indefeso, ninguém me pode ajudar
- ☐ Preocupa-me o que os outros possam pensar ou dizer sobre mim

25. 19. Como achas que se sente a pessoa a quem tu praticas atos de cyberbullying através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não pratico atos de cyberbullying
- ☐ Sente-se indefesa
- ☐ Sente-se sozinha, isolada
- ☐ Sente-se irritada
- ☐ Isso não a afeta, não sente nada
- ☐ Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela

26. 20. Quem é que pratica cyberbullying contra ti, através do telemóvel?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ninguém, não sou vítima de cyberbullying através do telemóvel
- ☐ Principalmente uma rapariga
- ☐ Principalmente um rapaz
- ☐ Um grupo de raparigas
- ☐ Um grupo de rapazes
- ☐ Um grupo de rapazes e de raparigas
- ☐ Não sei quem pratica cyberbullying contra mim

27. 21. Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de cyberbullying contra ti através do telemóvel?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca fui vítima de cyberbullying através do telemóvel
- ☐ Duraram mais de um ano
- ☐ Duraram mais de seis meses
- ☐ Duraram duas ou três semanas
- ☐ Duraram uma semana ou menos

28. 22. O que fizeste quando cometeram atos de cyberbullying contra ti através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Nada, nunca me aconteceu isso
- ☐ Conteí aos meus amigos
- ☐ Conteí aos meus pais
- ☐ Conteí a um professor
- ☐ Ignorei o que se passava
- ☐ Disse à pessoa que parasse, também através do telemóvel (por chamada, SMS, etc.)
- ☐ Tentei fazer/fiz o mesmo que essa pessoa me fez a mim

29. 23. Quais são os meios que utilizam para cometer atos de cyberbullying contra ti, através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não sou vítima de cyberbullying através do telemóvel
- ☐ Através de SMS (mensagens escritas)
- ☐ Através de MMS (mensagens multimédia, vídeos, fotos)
- ☐ Através de chamadas

30. 24. E quais são os meios que tu utilizas para cometer atos de cyberbullying contra os outros, através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não cometo atos de cyberbullying através do telemóvel
- ☐ Através de SMS (mensagens escritas)
- ☐ Através de MMS (mensagens multimédia, vídeos, fotos)
- ☐ Através de chamadas

## Cyberbullying pela Internet

Agora quero saber se já foste vítima e/ou se já praticaste cyberbullying através da Internet. Alguns exemplos de práticas de cyberbullying pela Internet são o recurso a redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, etc.) e/ou salas de chat para ofender, provocar, ameaçar ou excluir alguém; o envio de mensagens instantâneas insultuosas e/ou provocatórias (em programas de conversação como o Skype, o MSN Messenger, o Google Talk, etc.); o envio de e-mails ameaçadores e/ou incómodos; a criação de blogs ou páginas web, nas quais sejam revelados segredos ou informações privadas sobre ti de forma ofensiva e invasiva, etc.

31. 25. Quantas vezes foste vítima de cyberbullying através da Internet?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma, isso nunca aconteceu
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Várias vezes por semana

32. 26. Quantas vezes cometeste atos de cyberbullying contra outras pessoas, usando a Internet?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhuma, isso nunca aconteceu
- ☐ Apenas uma ou duas vezes
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Várias vezes por semana

33. 27. Achas que o cyberbullying através da Internet, comparado com o bullying tradicional...

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tem menos efeito sobre a vítima
- ☐ Tem o mesmo efeito na vítima
- ☐ Tem mais efeito sobre a vítima
- ☐ Não sei

34. 28. Como te sentes quando sofres de cyberbullying através da Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Nunca me aconteceu isso
- ☐ Sinto-me triste
- ☐ Sinto-me sozinho, isolado
- ☐ Sinto-me irritado
- ☐ Sinto-me indefeso, ninguém me pode ajudar
- ☐ Isso não me afeta, não sinto nada
- ☐ Preocupa-me o que os outros possam pensar ou dizer sobre

35. 29. Como achas que se sente a pessoa a quem tu praticas atos de cyberbullying através da Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não pratico atos de cyberbullying
- ☐ Sente-se triste
- ☐ Sente-se sozinho, isolado
- ☐ Sente-se indefeso
- ☐ Sente-se irritado
- ☐ Isso não a afeta, não sente nada
- ☐ Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela

36. 30. Quem é que pratica cyberbullying contra ti, através da Internet?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ninguém, não sou vítima de cyberbullying através da Internet
- ☐ Principalmente uma rapariga
- ☐ Principalmente um rapaz
- ☐ Um grupo de raparigas
- ☐ Um grupo de rapazes
- ☐ Um grupo de rapazes e de raparigas
- ☐ Não sei

37. 31. Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de cyberbullying contra ti, através da Internet?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nunca fui vítima de cyberbullying através da Internet
- ☐ Duraram mais de um ano
- ☐ Duraram mais de seis meses
- ☐ Duraram duas ou três semanas
- ☐ Duraram uma semana ou menos



39. 33. Quais são os meios que utilizam para cometer atos de cyberbullying contra ti, através da Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não sou vítima de cyberbullying através da Internet
- ☐ Através de e-mail
- ☐ Através de sites (blogs, páginas web)
- ☐ Através de salas de chat
- ☐ Através de programas de conversação (Skype, MSN Messenger, Google Talk, etc.)
- ☐ Através de redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, etc.)

40. 34. Quais são os meios que utilizas para cometer atos de cyberbullying contra os outros, através da Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não cometo atos de cyberbullying através da Internet
- ☐ Através de e-mail
- ☐ Através de salas de chat
- ☐ Através de programas de conversação (Skype, MSN Messenger, Google Talk, etc.)
- ☐ Através de sites (blogs, páginas web)
- ☐ Através de redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, etc.)

41. 35. Achas que existe outra forma de praticar cyberbullying recorrendo à ao telemóvel ou outros dispositivos eletrónicos, que não foi mencionada no questionário?

.....

.....

.....

.....

## D. Comportamentos Individuais

### D.1.

Estas questões relacionam-se com o modo como as pessoas se veem a si própria e a opção que melhor te caracteriza com uma cruz.

42. Em relação a estes aspetos, em que medida sentes que...

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente
1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Tenho tendência a sentir que sou um(a) fracassado(a) em tudo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Acho que tenho muitas qualidades boas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Acho que não tenho muitos motivos para me orgulhar de mim mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Tenho uma atitude positiva perante mim mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. No geral estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Gostaria de ter mais respeito por mim mesmo(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Às vezes sinto-me um inútil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Às vezes sinto que sou um(a) falhado(a).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### D.2.

As próximas perguntas referem-se ao modo como os adolescentes costumam agir, pensar e/ou se comportar numa série de situações do dia-a-dia (e.g., casa, escola, etc.). Assinala a alternativa que melhor te descreve com um X.

	Nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Eu planeio as minhas atividades com cuidado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Eu faço coisas sem pensar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Eu sou despreocupado, "cabeça no ar".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Os meus pensamentos são rápidos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Eu planeio as minhas saídas ou passeios com antecedência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Eu sou uma pessoa controlada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Eu concentro-me facilmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Eu tenho facilidade em poupar dinheiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Para mim é difícil ficar sentado por muito tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Eu costumo pensar com cuidado em tudo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Eu quero ter um trabalho fixo para poder pagar as minhas despesas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Eu digo coisas sem pensar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Eu gosto de pensar sobre problemas complicados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Nos meus tempos livres, eu não fico muito tempo a fazer a mesma atividade (desportos, cursos).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Eu ajo por impulso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Eu canso-me com facilidade ao tentar resolver problemas mentalmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Eu resolvo os problemas por tentativa-erro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. Eu gasto mais do que tenho ou posso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Eu falo rápido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27. Enquanto estou a pensar numa coisa, é comum que outras ideias me venham à cabeça ao mesmo tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. A mim interessa-me mais o presente do que o futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29. Eu fico inquieto nas aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. Eu faço planos para o futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### D.3.

Agora, apresento-te uma lista de sintomas ou problemas que, por vezes, as pessoas e os jovens da tua idade apresentam, nas mais variadas circunstâncias. Indica, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor corresponde ao grau em que cada problema te incomodou na última semana com uma cruz.

#### 44. Em que medida um dos seguintes sintomas te afetou nesta última semana?

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Desmaios ou tonturas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Teres a impressão que as outras pessoas podem controlar os teus pensamentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Teres a ideia que os outros são culpados pela maioria dos teus problemas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Dificuldade em te lembrares de coisas passadas ou recentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Aborreces-te ou irritas-te facilmente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Medo de andar na rua ou praças públicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Pensamentos sobre acabar com a vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Sentires que não podes confiar na maioria das pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Perder o apetite.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Teres um medo súbito sem razão para isso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Tens impulsos que não consegues controlar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Sentires-te sozinho mesmo quando estás com mais pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Sentires-te sozinho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Sentires-te triste.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Não ter interesse por nada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Sentires-te assustado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Sentires-te facilmente ofendido nos teus sentimentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Sentires que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de ti.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Sentires-te inferior aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



23. Vontade de vomitar  
ou mal-estar no

<https://docs.google.com/forms/d/1PcLzw2LpJg1rsSFFH7nEBNarChBM88-GoEMjTxJA/edit>

17/19

11/10/2016

Questonário					
estômago.					
24. Impressão de que os outros te costumam observar ou falar de ti pelas costas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. Dificuldade em adormecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Sentires necessidade de verificar várias vezes o que fazes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27. Dificuldade em tomar decisões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. Medo de viajar de autocarro, comboio ou metro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29. Sensação de que te falta o ar frequentemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. Calafrios ou ansiedade constante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
31. Teres de evitar certas coisas, lugares ou atividades por te causarem medo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
32. Sensação de vazio na cabeça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
33. Sensação de anestesia (formigueiro) no corpo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
34. Teres a convicção de que deverias ser castigado pelos teus pecados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
35. Sentires-te sem esperança perante o futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
36. Teres dificuldade em te concentrar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
37. Falta de força em partes do corpo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
38. Sentires-te em estado de tensão ou aflição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou sensação de que vais morrer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
40. Teres impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

<https://docs.google.com/forms/d/1PcLzw2LpJg1rsSFFH7nEBNarChBM88-GoEMjTxJA/edit>

18/19

11/10/2016

Questonário					
41. Teres vontade de destruir ou partir coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
42. Sentires-te embaraçado junto de outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
43. Sentires-te mal no meio de multidões em locais como lojas, autocarros ou bar da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
44. Grande dificuldade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
44. Grande dificuldade em sentires-te "próximo" de outra pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
45. Teres ataques de terror ou pânico com frequência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
46. Entrares facilmente em discussão com alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
47. Sentires-te nervoso quando tens que ficar sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
48. Sentires que as outras pessoas não dão o devido valor ao teu esforço ou capacidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
49. Sentires-te tão agitado que não consegues manter-te sentado quieto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
50. Sentires que não tens valor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
51. Teres a impressão de que, se deixasses, as outras pessoas aproveitar-se-iam de ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
52. Teres sentimentos de culpa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
53. Teres a impressão de que alguma coisa não está bem na tua cabeça	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Muito obrigada pela tua colaboração!**

## ANEXO VIII – Tabelas de Frequências

**Tabela 1.** Distribuição de frequências da variável *sexo* dos alunos.

A.1.Sexo dos alunos				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sexo Masculino	79	52,0	52,0	52,0
Valid Sexo Feminino	73	48,0	48,0	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 2.** Distribuição de frequências da variável *nível de escolaridade* dos alunos.

A.4.Qual é o teu nível de escolaridade?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 7º ano	50	32,9	32,9	32,9
Valid 8º ano	55	36,2	36,2	69,1
Valid 9º ano	47	30,9	30,9	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 3.** Distribuição de frequências da variável *idade* dos alunos.

A.2.Idade dos Alunos				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 12	31	20,4	20,4	20,4
Valid 13	28	18,4	18,4	38,8
Valid 14	45	29,6	29,6	68,4
Valid 15	34	22,4	22,4	90,8
Valid 16	12	7,9	7,9	98,7
Valid 17	1	,7	,7	99,3
Valid 99	1	,7	,7	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 4.** Distribuição de frequências da variável *Tens telemóvel?*

C.1.Tens telemóvel?					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	152	100,0	100,0	100,0

**Tabela 5.** Distribuição de frequências da variável *Tens acesso à internet em casa?*

C.2.Tens acesso à internet em casa?					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	152	100,0	100,0	100,0

**Tabela 6.** Distribuição de frequências da variável *Como avalias a tua habilidade para utilizar computadores?*

C.5.Como avalias a tua habilidade para utilizar computadores?					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	É razoável	7	4,6	4,6	4,6
	É boa	78	51,3	51,3	55,9
	É excelente	65	42,8	42,8	98,7
	9	2	1,3	1,3	100,0
	Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 7.** Distribuição de frequências da variável *Horas gastas com: telemóvel*

C.6.1.Em média, por dia, quantas horas gastas com: Telemóvel					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<1h	2	1,3	1,3	1,3
	1-3h	14	9,2	9,2	10,5
	3-5h	59	38,8	38,8	49,3
	5h ou +	77	50,7	50,7	100,0
	Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 8.** Distribuição de frequências da variável *Horas gastas com: Internet*

**C.6.2.Em média, por dia, quantas horas gastas com: Internet**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1-3h	2	1,3	1,3	1,3
3-5h	32	21,1	21,1	22,4
5h ou +	118	77,6	77,6	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 8.** Distribuição de frequências da variável *Horas gastas com: Redes sociais*

**C.6.5.Em média, por dia, quantas horas gastas com: Redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram)**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0h	1	,7	,7	,7
1-3h	12	7,9	7,9	8,6
3-5h	86	56,6	56,6	65,1
5h ou +	52	34,2	34,2	99,3
9	1	,7	,7	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 9.** Distribuição de frequências da variável *Horas gastas com: Conversar online com amigos*

**C.6.6.Em média, por dia, quantas horas gastas com: Conversar online com amigos**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid <1h	4	2,6	2,6	2,6
1-3h	16	10,5	10,5	13,2
3-5h	89	58,6	58,6	71,7
5h ou +	43	28,3	28,3	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 10.** Distribuição de frequências da variável *Horas gastas com: Conversar online com desconhecidos*

**C.6.7.Em média, por dia, quantas horas gastas com: Conversar online com desconhecidos**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0h	93	61,2	61,2	61,2
<1h	14	9,2	9,2	70,4
Valid 1-3h	34	22,4	22,4	92,8
3-5h	9	5,9	5,9	98,7
5h ou +	2	1,3	1,3	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 11.** Distribuição de frequências da variável *Estratégias de Segurança na Internet*

**C.7.Conheces estratégias de segurança na Internet?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	2	1,3	1,3	1,3
Valid Não	28	18,4	18,4	19,7
Sim	122	80,3	80,3	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 12.** Distribuição de frequências da variável *Tens conhecimento de casos de cyberbullying no contexto que te inseres?*

**C.13.Tens conhecimento de casos de cyberbullying no contexto que te inseres?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não existem casos de cyberbullying no meio que me rodeia	26	17,1	17,1	17,1
Apenas aconteceu uma ou duas vezes	60	39,5	39,5	56,6
Valid Acontece uma vez por semana	51	33,6	33,6	90,1
Acontece várias vezes por semana	15	9,9	9,9	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 13.** Distribuição de frequências da variável *Vitimização de cyberbullying através do telemóvel*

C.15.Quantas vezes foste vítima de cyberbullying através do teu telemóvel?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nenhuma, isso nunca aconteceu	116	76,3	76,3	76,3
Apenas uma ou duas vezes	28	18,4	18,4	94,7
Valid Uma vez por semana	5	3,3	3,3	98,0
Várias vezes por semana	3	2,0	2,0	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 14.** Distribuição de frequências da variável *Perpetração de cyberbullying através do telemóvel*

C.16.Quantas vezes cometeste atos de cyberbullying contra outras pessoas, usando o teu telemóvel?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nenhuma, isso nunca aconteceu	125	82,2	82,2	82,2
Apenas uma ou duas vezes	14	9,2	9,2	91,4
Valid Uma vez por semana	7	4,6	4,6	96,1
Várias vezes por semana	6	3,9	3,9	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 15.** Distribuição de frequências da variável *Cyberbullying pelo telemóvel vs. Bullying tradicional*

C.17.Achas que o cyberbullying através do telemóvel, comparado com o bullying tradicional...				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	1	,7	,7	,7
Tem menos efeito sobre a vítima	44	28,9	28,9	29,6
Tem o mesmo efeito sobre a vítima	59	38,8	38,8	68,4
Valid Tem mais efeito sobre a vítima	47	30,9	30,9	99,3
9	1	,7	,7	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 16.** Distribuição de frequências da variável *Perpetrador de Cyberbullying pelo telemóvel por género*

C.20.Quem é que pratica cyberbullying contra ti, através do telemóvel?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Ninguém, não sou vítima de cyberbullying através do telemóvel	115	75,7	75,7	75,7
Principalmente uma rapariga	5	3,3	3,3	78,9
Principalmente um rapaz	7	4,6	4,6	83,6
Um grupo de rapazes	2	1,3	1,3	84,9
Um grupo de rapazes e de raparigas	11	7,2	7,2	92,1
Não sei quem pratica cyberbullying contra mim	11	7,2	7,2	99,3
9	1	,7	,7	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 17.** Distribuição de frequências da variável *Duração das práticas de cyberbullying através do telemóvel*

C.21.Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de cyberbullying contra ti, através do telemóvel?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nunca fui vítima de cyberbullying através do telemóvel	115	75,7	75,7	75,7
Duraram mais de seis meses	7	4,6	4,6	80,3
Duraram duas ou três semanas	23	15,1	15,1	95,4
Duraram uma semana ou menos	6	3,9	3,9	99,3
9	1	,7	,7	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 18.** Distribuição de frequências da variável *Vitimização de cyberbullying pela Internet*

C.25.Quantas vezes foste vítima de cyberbullying através da Internet?				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nenhuma, isso nunca aconteceu	116	76,3	76,3	76,3
Apenas uma ou duas vezes	24	15,8	15,8	92,1
Uma vez por semana	9	5,9	5,9	98,0
Várias vezes por semana	3	2,0	2,0	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 19.** Distribuição de frequências da variável *Perpetração de cyberbullying pela Internet*

**C.26.Quantas vezes cometeste atos de cyberbullying contra outras pessoas, usando a Internet?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nenhuma	126	82,9	82,9	82,9
Apenas uma ou duas vezes	13	8,6	8,6	91,4
Valid Uma vez por semana	6	3,9	3,9	95,4
Várias vezes por semana	7	4,6	4,6	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 20.** Distribuição de frequências da variável *Cyberbullying pela Internet vs. Bullying Tradicional*

**C.27.Achas que o cyberbullying através da Internet, comparado com o bullying tradicional...**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Tem menos efeito sobre a vítima	40	26,3	26,3	26,3
Tem o mesmo efeito sobre a vítima	46	30,3	30,3	56,6
Tem mais efeito sobre a vítima	66	43,4	43,4	100,0
Total	152	100,0	100,0	

**Tabela 21.** Distribuição de frequências da variável *Duração das práticas de cyberbullying através da Internet*

**C.31.Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de cyberbullying contra ti, através da Internet?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nunca fui vítima de cyberbullying através da Internet	116	76,3	76,3	76,3
Duraram mais de seis meses	11	7,2	7,2	83,6
Valid Duraram duas ou três semanas	23	15,1	15,1	98,7
Duraram uma semana ou menos	2	1,3	1,3	100,0
Total	152	100,0	100,0	